

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Faculdade de Educação

Aline Oioli

A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL NA
EDUCAÇÃO INFANTIL:
uma reflexão com base nas teorias de Wallon e Vigotski

CAMPINAS
2022

Aline Oioli

**A importância do desenvolvimento emocional na Educação Infantil:
uma reflexão com base nas teorias de Wallon e Vigotski**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação
da Unicamp sob a orientação da
professora Dra. Lavínia Lopes Salomão
Magiolino como requisito para a
conclusão do curso de Licenciatura em
Pedagogia.

Campinas
2022

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Oi6i Oioli, Aline, 1999-
A importância do desenvolvimento emocional na educação infantil : uma reflexão com base nas teorias de Wallon e Vigotski / Aline Oioli. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Lavinia Lopes Salomão Magiolino.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Vigotsky, L. S. (Lev Semenovich), 1896-1934. 2. Wallon, Henri, 1879-1962. 3. Afetividade. 4. Emoções. 5. Educação Infantil. I. Magiolino, Lavinia Lopes Salomão, 1977-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: The importance of emotional development in Early Childhood Education: a reflection based on the theories of Wallon and Vygostky

Palavras-chave em inglês:

Vigotsky, L. S. (Lev Semenovich), 1896-1934

Wallon, Henri, 1879-1962

Affectivity

Emotional development

Child education

Área de concentração: Educação

Titulação: Licenciatura em Pedagogia

Banca examinadora:

Lavinia Lopes Salomão Magiolino

Isabela Ramalho Orlando

Data de entrega do trabalho definitivo: 15-07-2022

Prof^a. Dr^a. Lavínia Lopes Salomão
Magiolino

Dr^a Isabela Ramalho Orlando

Dedico esta monografia aos meus pais, Paulo e Aparecida, e ao meu esposo, Lucas, por estarem sempre presentes em minha jornada da Graduação, me apoiaram, incentivaram os meus estudos e vibraram comigo as pequenas e grandes conquistas.

Agradecimentos

Agradeço meus pais em primeiro lugar, pois foram eles os primeiros a me incentivarem a fazer o vestibular da Unicamp - este foi o primeiro pontapé de incentivo que recebi de ambos! Também me incentivaram e me auxiliaram na superação das dificuldades, principalmente, neste momento de finalização de curso, frente aos imprevistos que a vida apresenta. Por fim, vibraram comigo pelo resultado da monografia quando compartilhei a notícia em primeira mão. Obrigada por me ensinarem a persistir, por me ensinarem a correr atrás dos meus sonhos, me apoiarem em tudo e enxergarem potencial em mim quando eu mesma não via!

Ao meu esposo por sempre permanecer ao meu lado e compreender a minha ausência frente à presença e dedicação nos trabalhos acadêmicos, por escutar minhas experiências como docente na Educação Infantil e por puxar minha orelha quando foi preciso retornar de um cochilo para a realização deste trabalho. Obrigada pela persistência em me ajudar (mesmo eu sendo uma pessoa difícil de acordar), pela enorme compreensão e por me fazer feliz.

Ao meu irmão e minha cunhada por me incentivarem e pelo apoio tecnológico sempre que o notebook ou as ferramentas digitais apresentavam algum problema e pelas muitas vezes ouvirem meus desabafos, dúvidas e inseguranças quanto à jornada. Obrigada por me apoiarem e pela paciência!

Às minhas amigas de turma, Dora, Juliana, Amanda, Laura, Lo-Ruama, Ruthiele, Thawany, Gisella, Miriã e Isabela, agradeço por partilharem de conhecimentos e experiências pedagógicas nessa jornada do curso. A presença deste grupo grande na rotina do dia-a-dia - seja na feirinha ou no bandejão - e as risadas que compartilhamos

fizeram diferença! Obrigada por tornarem essa fase da minha vida mais leve e por me ensinarem a olhar para as situações da vida sob uma outra perspectiva.

Agradeço à minha orientadora, Lavínia, que disponibilizou seu tempo para me orientar, sanar todas as minhas dúvidas, acolher minhas ideias e compreender minhas dificuldades... Agradeço também pelas sugestões de textos, pelas trocas de conhecimentos, por ouvir minhas experiências - e por incentivar a escrita das mesmas e me ajudar na realização deste trabalho. Obrigada pela paciência, compreensão, leitura atenta e carinho.

Agradeço à minha segunda leitora, Isabela, por disponibilizar seu tempo em ler, contribuir com minha monografia e sugerir a complementação de informações pertinentes. Obrigada pela compreensão, pelas contribuições, paciência e pela atenção com meu trabalho.

Agradeço a todas pedagogas e pedagogos com quem tive contato durante a Graduação, tanto nas disciplinas teóricas, quanto nas práticas e nos diversos estágios. E agradeço, por fim, às crianças com as quais tive a oportunidade de atuar, de observar e de refletir sobre o desenvolvimento. Obrigada pelas contribuições e pelo carinho!

*Educar a mente sem educar o coração
não é educação.*

(Aristóteles)

Resumo

A presente monografia aborda o tema das emoções no desenvolvimento da criança, em uma perspectiva histórico-cultural e sua importância à Educação Infantil. Trata-se de um estudo bibliográfico de textos de Wallon e Vigotski, bem como de autores contemporâneos, cujo principal objetivo é compreender o desenvolvimento emocional das crianças pequenas e refletir sobre sua importância na educação infantil. Assim, foi realizado um estudo com base teórica na perspectiva de Vigotski e Wallon para introduzir o tema percorrendo sobre suas respectivas teorias e algumas de suas ideias principais sobre a afetividade, as emoções e o desenvolvimento da criança. Para compreensão da importância da contribuição de ambos autores, suas trajetórias foram contextualizadas, mostrando os diferentes campos do conhecimento e as diferentes ênfases - enquanto Wallon produz sua teoria na interface da neurologia, com a psicologia e a educação, Vigotski adentra também o campo da arte. Com isso, foi possível selecionar textos contemporâneos que enfatizam as contribuições daqueles autores em diferentes áreas - como a questão do conflito na abordagem walloniana e a educação estética na abordagem vigotskiana. Acredita-se que, considerar essas contribuições para auxiliar as crianças em seu processo de desenvolvimento emocional, traz repercussões importantes a nossa sociedade, à educação em geral e, mais especificamente, à educação infantil, bem como a formação de pedagogas e pedagogos.

Palavras-chave: Afetividade; Emoções, Educação Infantil; Vigotski, Wallon; desenvolvimento emocional.

Sumário

Introdução.....	11
Capítulo 1 - Wallon e Vigotski: a emergência da afetividade e da emoção no desenvolvimento humano histórica e culturalmente situado.....	20
1.1 - Trajetória Wallon e a produção da teoria de alternância entre cognitivo e afetivo no desenvolvimento integral da criança.....	20
1.2 - Trajetória Vigotski e a produção da teoria sobre o desenvolvimento cultural da criança na interseção da psicologia, da arte e da educação.....	25
Capítulo 2 - A questão das emoções em Wallon e Vigotski na interface entre diferentes campos da ciência e do conhecimento.....	34
2.1 - Wallon e sua contribuição para a compreensão da afetividade no processo de desenvolvimento humano.....	35
2.2 - Vigotski e suas contribuições para compreensão das emoções como complexos processos histórico-culturais do psiquismo humano.....	41

Capítulo 3 - Afetividade e emoção no processo de desenvolvimento cultural da criança: uma reflexão sobre as contribuições da perspectiva histórico-cultural à educação infantil	49
Considerações finais.....	58
Referências bibliográficas.....	63

Introdução

A escolha de cursar Pedagogia foi resultado de muitos fatores, não foi proveniente de uma escolha certa, decidida com antecedência. No ensino médio, confesso que estava um pouco incerta, pois sentia vontade de cursar Psicologia. Passei um ano após o término do Ensino Médio trabalhando, certa de que pagaria um curso de Psicologia ou de que faria cursinho preparatório para vestibular e tentaria mais uma vez. Por fim, nenhum e nem outro aconteceu.

O que aconteceu foi que, um semestre antes, a minha mãe entrou no curso de Pedagogia e estava fazendo estágio em uma escola próxima ao meu trabalho. Toda vez que eu e meu pai íamos buscá-la, tinha sempre um menino que, devia ter seus 3 ou 4 anos que parava e ficava olhando para mim sorrindo e falava "oi". Em um dia desses, minha mãe me perguntou: "Aline, por que você não faz Pedagogia? As crianças gostam de você e você gosta delas, tenho certeza de que te fará bem e você será feliz".

Até então eu não tinha nenhuma experiência na área da educação, nem tinha cuidado de nenhuma criança mais nova, mas comecei a pensar no curso de Pedagogia como possibilidade. Lembrei-me que, quando era pequena, adorava quando meus pais me presentearam com materiais escolares, tinha muitos livrinhos, eu os distribuía para as minhas bonecas. Elas se tornaram minhas alunas, para quem eu contava as minhas primeiras histórias! Esse meu brincar se pautava no faz-de-conta que eu era professora - um sonho que, agora, estou prestes a concretizar!

Ao me deparar com o manual da Unicamp, procurei pela lista de cursos e vi que Pedagogia era bem próxima à minha primeira opção. Inscrevi-me para o vestibular. Passei para a segunda fase e depois, fui aprovada e convocada para a matrícula.

Lembro-me até hoje, parecia que estava sonhando quando fui à universidade. É claro que, em conjunto com o início do curso, vieram muitas dúvidas e inseguranças, medo de não ser para mim, medo de não conseguir ser boa o suficiente - dentre tantas outras. Mas, no decorrer do curso e das disciplinas, pude sentir melhor a prática pedagógica e me apaixonei!

Em 2019, no segundo ano do curso, comecei a fazer estágio em uma instituição de educação infantil. Foram muitos aprendizados e um ano muito difícil,

confesso. Entrei no berçário em maio, estava em uma turma com bebês de aproximadamente 1 ano e meio. Para ser sincera, não sabia como lidar com bebês e nem cuidar, tinha muitas dúvidas, muito medo, pois sabia que era uma grande responsabilidade que estava em minhas mãos. Em agosto, quando estava me adaptando à rotina, fui transferida para a turma dos menores, aproximadamente 10 meses de idade e foi mais um período intenso, de adaptação e de muito aprendizado.

E nessa minha trajetória, muitas pedagogas me ajudaram a superar meus medos e possibilitaram muitos aprendizados, uma delas me disse: “Ninguém nasce sabendo ser professora, é em meio a nossas tentativas que buscamos ser melhores que ontem, ser pedagoga é construir-se.”. E essa fala me marcou muito, assim como muitas pessoas que cruzaram meu caminho me ensinaram e me provocaram para que eu refletisse as práticas pedagógicas - tanto aquelas que desejo tomar para mim como futura pedagoga quando estiver em uma sala de aula, como outras de que desejo me distanciar.

Entre estas últimas, uma prática pedagógica de que desejo me distanciar, aconteceu quando era apenas uma criança, no 4º ano - 3ª série como era nomeada na minha época. Estávamos - minha turma e eu - fazendo colagem do mapa do Brasil, especificamente da região Nordeste. A professora pediu para que olhássemos nossas apostilas para realizar a atividade. Eu - acredito que, por achar que não haveria sentido colar olhando um modelo - quis realizar sem olhar. Talvez fosse um modo de me desafiar e testar minhas capacidades. Foi então que coleí os estados nordestinos de ponta cabeça no caderno sem ter me atentado aos nomes, pois o contorno se encaixava perfeitamente! No momento em que a professora passou olhando, ela chegou na minha carteira, pegou meu caderno e olhou com impaciência. Então, ela disse alto e bom tom à turma: “Veja só isso, se tenho que aguentar mais uma aluna burra nesta sala?”. Neste momento, só reparei as crianças rindo, mesmo aquelas com quem ela - a professora - havia gritado anteriormente por outros problemas nesta mesma atividade!

Os sentimentos suscitados, ao passar por uma situação dessa, vão da inutilidade e incapacidade, à vergonha pela humilhação e exposição perante a turma. Algo que me marcou, me afetou e me afeta até hoje. Quero enfatizar com essa situação a relevância da questão das emoções no processo de desenvolvimento. Afinal, fica evidente aqui o quanto as crianças tomam as palavras

de seus professores para si mesmos e o quanto essas, podem refletir de maneira negativa ou positiva no desenvolvimento quanto na trajetória escolar.

Por outro lado, uma prática com a qual fiquei admirada e aqueceu meu coração foi quando estava estagiando em uma turma de 2º ano. Eu presenciei muitas vezes o momento em que as pautas do dia eram escritas na lousa, pela professora, para os alunos e alunas copiarem. De aproximadamente trinta crianças, apenas dez faziam a cópia enquanto as outras faziam qualquer outra coisa. Ficava claro para mim que algo não estava bom e precisava ser mudado. Após alguns dias, a professora de outro ano foi realocada para esta turma que eu estava acompanhando. Ela chegou na sala e começou a interagir com a turma: “Bom dia turma! Vamos fazer a pauta de hoje?! Preciso da ajuda de vocês!” A turma abriu o caderno e ficou esperando. A professora perguntou o que eles teriam de aula hoje e como ela deveria escrever os nomes das atividades. Pouco a pouco, eles soletraram para ela e pude ver todos os alunos copiando! Nesse momento, percebi o que estava faltando: as crianças não se concentravam porque precisavam dessa interação, dessa escuta e acolhimento professora!

É interessante passar pela experiência de acolher uma criança e perceber que, ao mesmo tempo com que acomodamos uma pequena ou um pequeno, também sentimos conforto e acolhimento, é como se ao acolher o outro, estamos também, nos acolhendo. E, por assim dizer, posso afirmar que educar o outro, ou seja, integrá-lo a um meio social, é também educar a si mesmo.

O ano de 2019 foi, sem dúvida, um dos mais difíceis, pois sempre tive dificuldades com adaptação, mas sinceramente, não consigo enxergar outro lugar para mim que não seja o de trabalhar com crianças pequenas! Eu amei o berçário! Foi marcante e decisivo em minha trajetória, poder observar de perto a evolução dos bebês, ver seu processo de desenvolvimento durante um ano e notar a velocidade em que tudo isso ocorre: engatinhar, apoiar de pé, balbuciar, desenvolver expressões faciais, andar, falar, correr e dentre tantos outros processos...!

Foi instigante também, perceber na prática o que vi na teoria: o quanto os bebês se utilizam da percepção, do movimento, das emoções e quanto são sensíveis! Lembro-me com clareza que a maior dificuldade era quando tentava fazê-los dormir. Era a hora que eu precisava acalmar meu coração - eu que sou sempre muito agitada - pois parecia sempre que eles sentiam e ficavam agitados

também! Assim como nos relata Galvão sobre a teoria walloniana à respeito do contágio das emoções:

“Assim, nas interações marcadas pela elevação da temperatura emocional, cabe ao professor tomar a iniciativa de encontrar meios para reduzi-la, invertendo a direção de forças que usualmente se configura: ao invés de se deixar contagiar pelo descontrole emocional das crianças, deve procurar contagiá-las com sua racionalidade.” (GALVÃO, 1998, p. 73)

Dentre as diversas experiências vivenciadas, me lembro, ainda, de uma postagem marcante: um desenho de um olho e em cima escrito “olhar sensível” e em baixo, uma folha com a seguinte frase: “Na **educação infantil** é essencial ter um **Olhar Sensível** nos **pequenos gestos e grandes conquistas** das crianças”.

Essa frase “olhar sensível” me inspirou muitas reflexões sobre a questão da sensibilidade. Tais como: a sensibilidade com que podemos olhar para uma criança ao ouvi-la, de fato; o modo como pensamos em educação infantil pautando-a em acolher e aprender a respeitar seu processo de desenvolvimento como um todo. Afinal, isso vai ao encontro das ideias de Wallon, sobre o desenvolvimento infantil:

“A forma como Wallon articula movimento/emoção/cognição com sua base orgânica/corpórea instrumentaliza a educadora para descobrir diferentes formas de dar e receber “afeto”, tais como, toque epidérmico, toque da voz, toque do olhar. O desenvolvimento destas diferentes formas de linguagens e de contato requer profissionais conscientes da importância das mesmas e com condições de exercê-las enquanto pessoas.”(CERISARA, 1997, p. 49)

Foi nesse contexto que surgiu o interesse pelo tema “A importância do desenvolvimento emocional na educação infantil”. Pelo início de minha experiência docente, pude reconhecer que, muitas vezes, nós educadoras e educadores, não estamos preparados emocionalmente para lidar com as crianças nos momentos de conflito, de descargas emocionais - como nos fala Galvão (1998). Nem sempre temos as melhores reações diante disso, ou melhor, nem sempre temos as reações de que os pequenos precisam para mediar seu processo desenvolvimento emocional, como é nosso papel. Cabe destacar que - muito além de cumprir apenas nosso papel, o qual já é bastante desafiador, como docente e cumprir as burocracias que regem nossa profissão - é importante reconhecer que precisamos tocar/afetar essas crianças de uma maneira positiva e transformar a vida dessas crianças para que estas, possam fazer o mesmo pelas gerações que estão por vir.

Quando comentei sobre meu interesse pelo tema escrito neste trabalho com uma pessoa de círculo próximo à família de meu esposo, por exemplo, ouvi um comentário: “como você espera fazer um bom trabalho falando em desenvolver emoções, se você não sabe lidar bem com as suas?”

De início, achei o comentário bem cruel, porém, com o tempo, pensei “realmente, nem todos estão prontos para lidar com este assunto atrelando emoção com educação”. Também refleti que, não é apenas sobre mim, mas sobre a educação em geral. E sim, este motivo teve um peso para a escolha do tema mas, foi mais que isso: percebi também em meus estudos que as questões emocionais precisam ser levadas em conta, pois as crianças trazem muita coisa do que vivenciam para a escola e isso vai afetando a sua aprendizagem quando as emoções são trabalhadas de maneira superficial ou ignoradas - como assinalam Magiolino (2001) e Leite (2006, 2012).

Durante os estágios, tanto o remunerado quanto o obrigatório¹, pude perceber o quanto no decorrer do dia, as emoções das crianças são deixadas de lado. O trabalho do(a) pedagogo(a) é bastante complexo e desafiador, ao ter que lidar com turmas de 25 a 30 alunos. Nesse contexto, alguns educadores separam seu tempo para focar nas obrigações de cumprir cargas horárias, preenchimento de livros didáticos, dentre outras atividades estipuladas pelas políticas educacionais, deixando o tempo cada vez mais limitado ao trabalho da afetividade e das emoções.

Isso se agravou ainda mais, após dois anos de pandemia e distanciamento social. Nesse momento, tive a oportunidade de, ao cumprir meu último estágio obrigatório, presenciar as dificuldades que a área educacional está enfrentando em meio à defasagem do aprendizado, dentro dos padrões determinados pela Secretaria de Ensino (com crianças no 3º ano que ainda não são alfabetizadas). Destacam-se aqui as diversas situações de crises emocionais em que as crianças se mostram cada vez mais ansiosas e reagem com mais violência aos conflitos e acontecimentos vividos.

¹ Estágio remunerado diz respeito a um trabalho realizado na área do curso que está realizando e diferente do estágio obrigatório, este gera uma renda, as horas trabalhadas variam de 4 a 6 horas a depender do que é decidido pela Secretaria da Educação do município e não é obrigatório para formação no curso. Estágio obrigatório é a parte prática do curso e este é necessário o cumprimento de horas especificadas no catálogo do curso para a formação profissional.

Realizei o estágio remunerado de 2019 até 2021 na educação infantil e realizei os estágios obrigatórios: de educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental, de gestão escolar e educação não formal.

O artigo *A educação infantil e demandas postas pela pandemia: intersetorialidade, identidade e retorno às atividades presenciais* retrata algumas das consequências da pandemia para a educação infantil - o que também ocorre na educação de maneira geral, dentre elas, sobre o ensino remoto:

“Essa mudança pode provocar comprometimentos no desenvolvimento e aprendizagem desses sujeitos, que ficaram sem acesso a espaços organizados e a experiências planejadas nas quais poderiam se desenvolver de forma integral.” (CRUZ, MARTINS e CRUZ, 2021, p. 159)

Em parte, essas dificuldades encontradas no campo educacional são consequência desses dois anos de isolamento e distanciamento social. No entanto, outra parte parece ser consequência de anos ignorando ou trabalhando de forma superficial e instrumentalizada as questões emocionais das alunas e dos alunos nas escolas. Irrompe, nesse contexto, uma situação gritante: as crianças, quando sentem raiva ou qualquer outra emoção, expressam-se através de violência com os colegas; e, esses conflitos refletem em seu desenvolvimento e aprendizagem - já em defasagem por esses dois anos de precarização da educação, com ensino remoto na Educação Infantil e também a educação em geral. Buscar amenizar os impactos causados pela pandemia e busca pelo conhecimento das emoções, do desenvolvimento emocional se fará de grande importância no contexto social e político em que estamos inseridos. Afinal, a educação tem um papel social e político, na modificação do sentir, do pensar e do agir - assim como nos fala Safatle (2020) a respeito do domínio dos afetos e de seus usos políticos. O autor retrata a insensibilidade da sociedade brasileira frente às mortes causadas por violência e negligência política, refletindo sobre os afetos e a formação do pensamento crítico e a ação imediata:

“Governar é gerir circuitos de afetos. Só assim é possível definir o que é visível e invisível, sensível e insensível, perceptível e imperceptível. E controlar os regimes de sensibilidade, de visibilidade e percepção é controlar o fundamento daquilo que pode afetar a vida social. É definir a velocidade das urgências, a determinação do tolerável, estabelecer quais conflitos deverão ser reconhecidos e quais não deverão.” (SAFATLE, 2020)

Nessa conjuntura, o presente trabalho tem, assim, por objetivo compreender o desenvolvimento emocional das crianças pequenas e refletir sobre sua importância na educação infantil trazendo ao debate as contribuições de Wallon e Vigotski.

Acredita-se que, auxiliar as crianças nesse processo traz repercussões importantes a nossa sociedade e à educação em geral.

Pensando nessas questões, o trabalho será focado na discussão das contribuições de Vigotski e Wallon sobre o processo de desenvolvimento emocional na primeira infância e suas implicações à educação infantil. A escolha dos autores se dá pelo fato de que ambos tratam do tema desenvolvimento e emoções e, tiveram uma grande contribuição à educação pensando nas questões do brincar, da linguagem, da formação do eu, do afetivo atrelado ao cognitivo, dentre outros.

O trabalho de Wallon trata da psicogênese da pessoa completa, envolvendo o fator afetivo no desenvolvimento integral do ser humano. O de Vigotski, por sua vez, trata da importância do brincar e do brinquedo, as funções psíquicas como: imaginação, criação, memória, linguagem, pensamento, assumindo a abordagem histórica, dialética-materialista de Marx, a filosofia monista de Espinosa e a obra de arte *Hamlet* de Shakespeare (Sawaia, 2000; Magiolino, 2010; Sawaia e Magiolino, 2015).

Como ressalta Cerisara (1997) no tópico “A emoção” em “A psicogenética de Wallon e a educação infantil”:

“Esta é, sem dúvida, uma das grandes contribuições da obra walloniana, uma vez que rompe com a distinção que tem sido feita pela psicologia tradicional entre razão e emoção. A ideia de pessoa inteira deve dar lugar tanto para as manifestações da inteligência, quanto das razões da emoção.”(CERISARA, 1997, p. 43)

O autor também ressalta sua crença na aproximação da psicologia com a educação: uma relação de reciprocidade e muita contribuição. Nesse sentido, para ele, enquanto a escola representa a sociedade, ela se torna um estudo prático para a psicologia e esta constrói informações que ajudam o estudo e a prática de ensino/aprendizagem. Os trabalhos deste autor propõem o estudo das interações sociais e sociedade como ciência, buscando uma coerência de ambas com a vida psíquica do indivíduo (Galvão, 1998).

Na interface entre a Psicologia e a Educação, o presente trabalho, de cunho bibliográfico, trará uma reflexão sobre a temática do desenvolvimento emocional em sua intrincada relação com a educação infantil com o enfoque no desenvolvimento emocional, com base em livros, artigos e textos envolvendo as contribuições de Vigotski e Wallon.

O trabalho será organizado em três capítulos, além desta introdução. O primeiro capítulo, contará com dois tópicos, o primeiro será sobre Wallon e terá uma breve apresentação de sua biografia, quem ele foi, suas influências, o contexto social em que viveu para que, assim seja possível compreender suas preocupações e o contexto de seus estudos. Com este tópico será possível perceber o quanto suas teorias sobre o desenvolvimento e seus estágios, mesmo sendo escritas há muito tempo, são discussões pertinentes e atuais. O autor traz muitas contribuições, dentre elas: o papel do conflito, a teoria da alternância entre afetivo e cognitivo, os estágios de desenvolvimento organizados em cinco fases para que possamos compreender como o afetivo e o cognitivo predominam em cada um e como o meio exerce influência no desenvolvimento psicológico humano.

O segundo tópico do primeiro capítulo fará uma breve contextualização sobre Vigotski, seus contributos envolvendo a condição humana como permeada e marcada pela cultura. Para compreendermos este autor, é importante sabermos os autores estudados por ele e as teorias que o impulsionaram a criar e defender suas ideias fundamentadas especialmente, na filosofia de Espinosa e Marx, como será assinalado. Este autor escreve com base em uma ciência de estudo do desenvolvimento infantil: a pedologia². Ele menciona a relação estabelecida entre razão e emoção e a brincadeira e a arte como essenciais ao desenvolvimento e à educação infantil.

Este primeiro capítulo tem como objetivo introduzir o assunto do desenvolvimento atrelado às questões emocionais contextualizando a obra dos autores. Também é introdutório para compreender o psiquismo humano, preparando as ideias para conceber as teorias relacionadas à emoções em conjunto com outras funções psicológicas.

O segundo capítulo versa sobre a afetividade e a emoção no processo de desenvolvimento atreladas à dinâmica do conflito, percepção, imaginação, criação e arte. Com estes pontos, é possível perceber a trama em que estes processos estão envolvidos e como modificam as ordens e conexões entre si conforme se desenvolvem. O objetivo deste capítulo é, assim, compreendermos as teorias sobre as emoções e como se relacionam ao desenvolvimento, após entender como se dá as emoções humanas, estamos preparados para compreender a sua importância no

² O termo pedologia é explicado no primeiro capítulo, tópico 2, quando se fala na introdução das 7 aulas de Vigotski.

desenvolvimento criança e suas contribuições para a educação infantil - o qual é objetivo do capítulo seguinte.

O terceiro capítulo trata das relações entre o desenvolvimento emocional e a educação das crianças pequenas. O objetivo é demonstrar as contribuições das teorias de Wallon e Vigotski acerca das questões emocionais para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, por meio do estudo de alguns autores contemporâneos. Com isso, ganham destaque o conflito e a afetividade como elementos centrais no processo de formação do eu e no desenvolvimento pleno do sujeito e as possibilidades que se abrem para uma educação estética; também se ressalta o papel da escola para/com a sociedade.

Para complementar o presente trabalho, as considerações finais retratam as motivações pelo tema, as contribuições dos trabalhos dos autores, as contribuições do curso para minha trajetória e formação como futura docente.

Capítulo 1: Wallon e Vigotski: a emergência da afetividade e da emoção no desenvolvimento humano histórica e culturalmente situado

Este capítulo tem como objetivo apresentar a trajetória de Wallon e Vigotski, tendo em vista situar a temática desta pesquisa. Conhecer a trajetória de um autor é de extrema importância para a análise e compreensão do contexto histórico em que os mesmos vivenciaram e as preocupações que os ocupavam.

O texto também trata dos principais pontos de ambas as teorias dos referidos autores com o enfoque nas emoções. A escolha destes autores é devido à contribuição que os mesmos trouxeram para a compreensão das emoções e do desenvolvimento infantil. A relevância de conhecer uma biografia e o estudo do desenvolvimento, assim se justifica por Cerisara:

“A preocupação com o devir fundamenta a ideia de que, para compreender o indivíduo, é preciso o conhecimento da sua biografia, para compreender o adulto, é preciso conhecer a criança e, portanto, para compreender uma função, é preciso conhecer a sua gênese.”(CERISARA, 1997, p 41)

1.1 Trajetória Wallon e a produção da teoria de alternância entre cognitivo e afetivo no desenvolvimento integral da criança

Henri Wallon (1879-1962), natural da França, durante sua vida, presenciou épocas de muita instabilidade política e social, como por exemplo: as duas guerras mundiais e a emergência do fascismo. Nesse conturbado contexto, sua família se posiciona contrária a este regime e, no engajamento político, tem uma opinião humanista. O autor posiciona-se à esquerda, demonstrando ser favorável aos regimes socialistas e lutando contra o facismo e contra a ditadura de Franco. Atuou ativamente na política e participou da resistência francesa e durante ela, se juntou ao partido comunista. Nota-se, em sua teoria, a grande influência da abordagem materialista histórica-dialética de Karl Marx. Sua preocupação com as questões sociais e sua posição não favorável às práticas disciplinares na época em que foi professor, refletem o modo como suas teorias têm relação com o período em que viveu e como elas demonstram uma atualidade no cenário educacional atual.

Galvão (1998) relata que Wallon se formou em filosofia na Escola Normal Superior e, ao atuar como professor do ensino secundário nesta época, demonstrou

preocupações com as questões sociais. Com 29 anos, se formou em medicina e passou a atuar como médico em duas instituições psiquiátricas até 1931 e, após, como médico no exército. O intenso contato que teve tanto com soldados lesionados no cérebro, como com crianças com deficiência, uma mescla de psiquiatria com medicina despertou seu interesse pela psicologia infantil, disciplina sobre a qual promoveu conferências.

Além disso, cabe destacar que a sua trajetória foi sendo traçada em um caminho cada vez mais próximo à área da educação. Ele escreveu artigos sobre a área e foi convidado pelo Ministério da Educação Nacional da França para a equipe que faria uma reforma no sistema educacional em 1944, ajudando a elaborar um plano educacional que ficou conhecido como plano Langevin-Wallon. Este plano de reforma foi finalizado por ele e possui grande importância, porém não chegou a ser colocado em prática, como Galvão relata:

“Esse projeto, cuja versão final foi redigida por Wallon, é a expressão mais concreta de seu pensamento pedagógico. Portador do espírito reinante na Resistência, o plano representa as esperanças em uma educação mais justa para uma sociedade mais justa. A reforma proposta (que não chegou a ser implantada) deveria operar-se no sentido de adequar o sistema às necessidades de uma sociedade democrática e às possibilidades e características psicológicas do indivíduo, favorecendo o máximo desenvolvimento das aptidões individuais e a formação do cidadão.” (GALVÃO, 1998, p. 18)

Outra contribuição, como destaca Galvão (1998) é, justamente, uma das defendidas por Wallon quando ele pensa na relação entre psicologia e educação:

“Considerava que entre a psicologia e a pedagogia deveria haver uma relação de contribuição recíproca. Via a escola, meio peculiar à infância e “obra fundamental da sociedade contemporânea”, como um contexto privilegiado para o estudo da criança. Assim, a pedagogia ofereceria campo de observação à psicologia, mas também questões para investigação. A psicologia, por sua vez, ao construir conhecimentos sobre o processo de desenvolvimento infantil ofereceria um importante instrumento para o aprimoramento da prática pedagógica.” (GALVÃO, 1998, p. 17).

Nessa linha, Wallon (1968) busca compreender o psiquismo humano através do seu estudo da psicologia infantil, pois entende que, ao alcançar a resposta de

como ocorre o desenvolvimento e o aprendizado, pode chegar a conclusão de como este se desenvolve e se constitui. O estudo da criança se dá, assim, em sua perspectiva teórica, pela busca da origem de todas as formações psíquicas. Seu estudo engloba o desenvolvimento psíquico como um todo: cognitivo, afetivo e motor, da pessoa completa. Ele também acreditava que para chegar à formação da personalidade, era necessário levar em conta a interação que a criança estabelece com o meio com os diversos meios em que está inserida - como a família e a escola.

Segundo Galvão (1998), em seu livro “Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil”, o estudo sobre o meio e a criança, não diz respeito apenas a um dos dois fatores em mudança, mas a ambos em movimento. Afinal, neste processo, o meio modifica em conjunto com o desenvolvimento infantil, ao mesmo tempo em que a criança utiliza de recursos do meio para seu desenvolvimento. As particularidades de cada criança e as circunstâncias fazem com que cada estágio e seu tempo sejam diferentes. Nessa perspectiva, os estágios de desenvolvimento não são lineares e contínuos, pois podem ter retrocessos e sobreposições, conflitos - pode-se dizer, assim, que há uma transformação ou até mesmo uma reorganização das funções. É importante ressaltar que a ação individual e os conflitos gerados no processo de desenvolvimento podem afetar o coletivo, assim como o conjunto pode afetar o individual. Também é importante enfatizar o quanto as diferentes culturas influenciam o desenvolvimento humano de formas diferentes, pois temos que considerar as técnicas, os instrumentos e a forma como conhecimentos são abordados em cada cultura, ou seja, cada cultura utiliza de diferentes técnicas e instrumentos, como valoriza diferentes conhecimentos, todas desenvolvem e chegam ao mesmo lugar porém utilizam-se de recursos diferentes, partindo de seus costumes e crenças.

A psicogenética walloniana apresenta cinco fases ou estágios de desenvolvimento em que há oscilação entre o campo afetivo e o campo cognitivo. Ambos estão evoluindo em todas as fases mas em cada uma, um desses aspectos se destacam. As fases, ou estágios do desenvolvimento são: 1). o estágio impulsivo-emocional: que diz respeito ao primeiro ano de vida e no qual o aspecto notável e principal é a emoção advinda da interação criança e meio, portanto, os reflexos são movidos pelo afetivo; 2). estágio sensório-motor e projetivo: ocorre até o terceiro ano de vida; há predominância da exploração das sensações motoras, por exemplo: manuseio de objetos, exploração dos lugares e aquisição da linguagem,

portanto, há predominância do cognitivo; 3). estágio personalismo: dos três aos seis anos; nesta etapa, há como o nome diz, a formação da personalidade, a estruturação da consciência que acontece através da interação social - pois, é através do outro, que nos reconhecemos e como nesta fase relações sociais e afetivas complexifica e se destacam, o predomínio é do traço afetivo; 4). estágio categorial: que ocorre, aproximadamente aos seis anos; há o desenvolvimento do intelecto, a busca pelo conhecimento, o destaque é para o cognitivo; 5). estágio da adolescência: a puberdade traz uma certa crise emocional e exige uma reformulação da personalidade devido às mudanças físicas e os hormônios e então, a afetividade fica mais marcante.

O campo afetivo e o campo cognitivo, no decorrer do desenvolvimento, se constroem em conjunto e também do mesmo modo, se diferenciam. No primeiro estágio, o campo afetivo se constitui pelo olhar, contato, gestos e posturas. Já no personalismo, terceiro estágio, a afetividade se coloca de modo diferente, pois nesta fase, já há o desenvolvimento e aquisição simbólica da linguagem. A emoção já não é demonstrada através de gestos apenas, do tônus postural, mas também por meio de palavras. No estágio da adolescência, no qual há o domínio do afeto ocorre a reestruturação das relações sociais. Já nos estágios em que há predominância de aspectos cognitivos, eles são voltados para a formação da consciência e noção do eu.

Para o autor, a busca de significação e função da emoção deve ser focada no meio social, nas interações, ou seja, nas relações humanas. Podemos notar isso, por exemplo, quando o bebê, para suprir suas necessidades, precisa chamar a atenção do outro através de suas manifestações como o choro, o sorriso. As emoções expressas pelo bebê são, nada mais e menos, que reações orgânicas que expressam estados afetivos e portanto, quando são supridas, as reações são de satisfação e prazer. Todas essas ações que trazem em si estados afetivos diversos desencadeiam substâncias químicas e se sustentam em determinado tônus corporal, que, produzem certas emoções e sentimentos. Estes apresentam suas funções de acordo com o meio, segundo a teoria walloniana. Portanto, a emoção se faz presente a partir do momento em que a criança passa a se comunicar com o meio, com os outros que a cercam e se complexifica ao adquirir a linguagem, quando se passa a nomear, a ter consciência e formar sua personalidade. Assim como expresso por Galvão (1998): “A emoção encontra-se na origem da

consciência, operando a passagem do mundo orgânico para o social, do plano fisiológico para o psíquico.”(p.39).

As emoções são uma forma de se relacionar com outro, por isso ela depende e interage com o meio, pois se torna uma função/instrumento de comunicação que, posteriormente, a linguagem se sobrepõe.

A perspectiva da relação criança e ambiente, do quanto o meio influencia no desenvolvimento psicológico é um dos pontos em comum entre Wallon e Vigotski, para alinhar a ideia, selecionei um trecho das palavras de Galvão:

“É a cultura e a linguagem que fornecem ao pensamento os instrumentos para sua evolução. O simples amadurecimento do sistema nervoso não garante o desenvolvimento de habilidades intelectuais mais complexas. Para que se desenvolvam, precisam interagir com "alimento cultural", isto é, linguagem e conhecimento. Assim, não é possível definir um limite terminal para o desenvolvimento da inteligência, nem tampouco da pessoa, pois dependem das condições oferecidas pelo meio e do grau de apropriação que o sujeito fizer delas. As funções psíquicas podem prosseguir num permanente processo de especialização e sofisticação, mesmo que do ponto de vista estritamente orgânico já tenham atingido a maturação.” (GALVÃO, 1998, p. 28).

Como veremos nos capítulos seguintes, essas ideias e contribuições de Wallon têm sido bastante destacadas nos estudos contemporâneos. Embora isso não aconteça no que diz respeito a sua relação com a arte - o que é destacado por estudiosos de seu trabalho.

“Para um perfil mais completo do nosso biografado, é preciso ainda fazer referência à sensibilidade que tinha para o mundo das artes. Esta sensibilidade faz-se presente em sua teoria, que abre grande espaço para o campo estético, o da pura expressividade. Vejamos o paralelo que faz entre a atividade do cientista e a do artista. "Há um grande parentesco entre o artista e o cientista. O cientista tem necessidade de mais imaginação do que costuma-se supor. Ele precisa remanejar a realidade para compreendê-la. O artista precisa desarticulá-la para reafirmá-la à sua maneira " (WALLON apud GALVÃO, 1998, pp. 14,15).

O autor menciona as relações entre o artista e o cientista em relação à realidade, no trabalho em questão: a ciência social é estudada atrelada à ciência biológica na compreensão da emoção ao pé que o artista utiliza da sua imaginação

para produzir elementos da realidade, suscitando a afetividade da qual dá o toque humanizado. Tais questões remetem aos trabalhos de Vigotski e ao modo como esse autor trata da questão da emoção na interseção não só da Psicologia com a Educação, mas também da Arte.

1.2 Trajetória Vigotski e a produção da teoria sobre o desenvolvimento cultural da criança na interseção da psicologia, da arte e da educação

Vigotski (1896-1934) morreu com 37 anos devido à tuberculose e deixou uma vasta contribuição em várias áreas e campos da ciência e do conhecimento que passam pela psicologia, educação e a arte: aproximadamente 300 estudos científicos.

Ele demonstra um interesse grande na área artística e esta, também contribui para a constituição de suas ideias acerca da psicologia, quando trata-se da personalidade humana, um exemplo é a obra *Hamlet* de Shakespeare, o personagem assume vários papéis e em meio à essa trama, essas posições sociais demarcam o que Vigotski (2000) denomina como personalidade.

A arte, para o autor, é considerada como “técnica social das emoções” e inclusive, esta foi a defesa em sua tese *A Psicologia da Arte* (1999), Vigotski relaciona razão e emoção e demonstra que ambas são indissociáveis quando exemplifica a posição de um juiz que deve julgar sua esposa e, menciona as funções - juiz e esposo - que causam a junção entre razão e emoção - neste caso.

Rego (1995) em “VYGOTSKY Uma perspectiva histórico-cultural da educação” comenta sobre o acervo deixado pelo autor:

“É praticamente impossível definir o alcance da contribuição de sua obra. Para a psicologia, sem dúvida, significa um avanço, para a pedagogia uma orientação mas também sugere um rico material para a análise no campo da antropologia, da lingüística, da história, da filosofia e da sociologia.”(REGO, 1995, pp. 15-16).

Vindo de família judaica, antes de ingressar no curso superior, sofreu discriminação, pois, naquela época, os judeus sofriam diversas formas de

preconceito, exclusão³ e além do fato de que sua família passava por problemas de saúde. Tendo pai banqueiro e mãe professora, estudou até certa idade em casa, tendo aulas particulares ministradas por profissionais contratados. Além da biblioteca de sua casa, frequentava também a pública, interessando-se por filosofia, literatura e artes. Este leque de livros e essa disponibilidade, despertou seu interesse por diversos temas nessa áreas e também aprendeu diversas línguas. Formou-se em Direito, na universidade regular, mas também estudou Literatura, também Filosofia e História na Universidade Popular de Chanivski - hoje denominada Universidade Estatal Russa de Ciências Humanas, que abriga o Instituto de Psicologia L. S. Vigotski - e, mais tarde, Medicina. Sua atuação também se deu em várias áreas, tendo sido professor e se interessou por Pedagogia e participado ativamente de grupos de pesquisas relacionadas à psicologia, também sobre desenvolvimento humano, deficiências, educação e arte.

Como apontam Oliveira e Rego (2010), Vigotski passou a infância e juventude em contexto histórico anterior à queda do império russo, uma época marcada pelo desejo de liberdade, a valorização da educação, a apreciação das artes - tal fato também explica o interesse do autor pela arte e pela literatura. Embora seja fruto da revolução, a teoria de Vigotski foi alvo de muitas críticas e suas obras foram proibidas no governo de Stalin. Taxadas como idealistas pelos soviéticos, só voltaram a circular após 1956.

Em meio a este contexto de instabilidade política e ideológica, teve contato com muitas informações e deixou como contribuição a explicação do papel do meio social no desenvolvimento. Como afirma Rego (1995), seu estudo pautava-se “na gênese do desenvolvimento dos processos psicológicos tipicamente humanos em seu contexto histórico-cultural” (p.16). Enfatizando sua atualidade, a autora destaca que algumas das questões estudadas pelo psicólogo estão inacabadas e foram bem à frente da época em que foram escritas.

O autor tinha muito interesse no estudo dos processos mentais dos indivíduos, mas também se debruçou em muitas outras áreas, o que permite entender, assim como comentado por Rego, o peso da cultura na formação e desenvolvimento dos sujeitos. Seu estudo envolvia: o controle de comportamento, atenção, memorização, pensamento, raciocínio, capacidade de planejar e dentre

³ Preconceito e exclusão - os judeus eram excluídos de atividades sociais como ingressar na universidade, escolher onde morar e dentre outros.

outros mecanismos intelectuais, além de ter feito diversas reflexões sobre a pedagogia e seu papel na formação integral do ser humano, como as aulas de pedologia e o estudo do desenvolvimento da criança. As contribuições do autor, abrangem:

“(...) segundo Smolka: "a literatura e a arte, a pedagogia (as orientações e os modos de ensinar) e a pedologia (a ciência da infância), a psicologia (o estudo do desenvolvimento humano e da consciência na história e na cultura), a defectologia articulam-se todas no campo de interesse e investigação de Vigotski".” (SMOLKA apud OLIVEIRA-REGO, 2010, p. 17).

Com isso, de acordo com Rego (1995), Vigotski formulou cinco proposições que compõem a base dos seus estudos em relação ao desenvolvimento: a primeira é a relação entre sujeito e meio social, o sujeito transforma o meio e, a si próprio; a segunda diz respeito basicamente ao meio cultural constituir as funções psicológicas; a terceira trata do cérebro, um órgão que possui plasticidade e capacidade de ser moldado e transformado; a quarta retrata a mediação, ou seja, o instrumento que faz possível a comunicação entre os sujeitos e o mundo, no caso, são os signos; e a quinta refere-se às funções psíquicas básicas, as mesmas quando forem analisadas, devem ser diferenciadas das funções aprimoradas, as denominadas funções psicológicas superiores, para que assim possa reconhecer o peso da cultura sobre o desenvolvimento. Essa concepção - interação entre o meio e o sujeito é um exemplo de relação dialética presente na teoria vigotskiana que também marca a teoria walloniana.

“Dedicou-se à análise de diversos temas relacionados a seu problema central, dentre eles, a crise da psicologia, as diferenças entre o psiquismo animal e humano, a gênese social das funções psicológicas superiores, as relações entre pensamento e linguagem, a questão da mediação simbólica, as relações entre desenvolvimento e aprendizagem e os processos de aprendizagem que ocorrem no contexto escolar e extra-escolar, o problema das deficiências física e mental, o papel das diferentes culturas no desenvolvimento das funções psíquicas, a questão do brincar, a evolução da escrita na criança e a psicologia da arte.” (REGO, 1995, p.37).

O psicólogo teve um trabalho muito importante e influências fundamentais na construção de sua tese, como a teoria materialista histórica e dialética de Marx e

Engels e a filosofia monista de Espinosa. Rego (1995), citando os trabalhos de Cole & Scribner, enfatiza que o autor foi o primeiro psicólogo a relacionar o desenvolvimento humano à teoria marxista materialista-dialética e histórica e afirmar que o mesmo influencia e constitui a natureza humana. Segundo a autora, ele também criticou a ideia de Pavlov e argumentou que é necessário levar em conta o ambiente interior que cada indivíduo cria, ou seja, levar em conta outros tipos de consciência.

“Coerente com este ponto de vista, procurou examinar a origem do complexo psiquismo humano nas condições sociais de vida historicamente formadas, que, segundo ele, estão relacionadas ao trabalho social, ao emprego de instrumentos e ao surgimento da linguagem. Estas são as “ferramentas” que foram construídas e aperfeiçoadas pela humanidade ao longo de sua história e fazem a mediação entre o homem e o mundo: através delas, o homem não só domina o meio ambiente como o seu próprio comportamento.” (REGO, 1995, p. 49).

Sobre o desenvolvimento da criança, ele acredita que os mecanismos psíquicos serão desenvolvidos na e pela interação da criança com o contexto social em que está inserida. Quando o autor diz considerar os fatores do meio, do social, é importante ressaltar as influências com que ele teve contato para chegar a essa relação e, ao entender por “meio social” compreende-se os conhecimentos adquiridos no meio familiar e é importante levar em conta também as condições sócio-econômicas.

Vigotski (1996), ao estudar o desenvolvimento da criança, elaborou leis para que fosse possível compreender tal processo por meio de uma ciência multifacetada, a qual chamou de pedologia⁴. Ele explicou sua concepção em algumas aulas, recentemente traduzidas diretamente do russo. No presente tópico, serão abordadas a primeira, a quarta e a quinta aulas. Esta área é de extrema importância para psicologia e pedagogia, pois traz muitas contribuições para as mesmas ao discutir o desenvolvimento infantil.

A primeira aula, nomeada como “objeto da pedologia”, inicia apontando o que esta ciência estuda: o desenvolvimento da criança. A primeira lei que o autor

⁴ Rego apud Oliveira (1995) “ (...) a chamada “pedologia” (ciência da criança que integra os aspectos biológicos, psicológicos e antropológicos). Ele considerava essa disciplina como sendo a ciência básica do desenvolvimento humano, uma síntese das diferentes disciplinas que estudam a criança” (Oliveira, 1993, p. 20)

apresenta nesta aula diz respeito ao tempo e sua estruturação. Leva-se em conta algumas considerações sobre o desenvolvimento: tem uma ordem cronológica, porém não segue o compasso do tempo em determinação do quanto avançou. Para o autor, faz mais sentido pensar a idade seguindo a ordem na qual a criança se encontra no desenvolvimento, ou seja, a idade pedológica que a idade em anos, cronológicos. O tempo pedológico é inconstante: há períodos de intensa evolução e também de redução (ao se considerar a relação de alternância e destaque entre as funções psíquicas); ele se caracteriza por ser cíclico e contemplar períodos estáveis e críticos.

A segunda lei, nomeada como irregularidade, diz respeito ao crescimento, ele não é regular e por igual em todas as partes do corpo, o desenvolvimento é mais intenso em certas partes do corpo e funções de acordo com o ciclo em que a criança se encontra, sendo assim formando uma estrutura diferente a cada mudança. Em uma fase mais intensa de desenvolvimento de certa função, esta é deslocada para o centro e as demais aparecem na parte periférica, ou seja, assim como afirmado em: “Isso significa que, no desenvolvimento da criança, cada particularidade tem seu período propício para se desenvolver.” (Vigotski, 2018, p. 25).

De acordo com os postulados e com o conteúdo apresentado pelo autor, cada função psicológica tem seu desenvolvimento mais intenso de acordo com o necessário, um exemplo que o livro traz é sobre a formação da percepção antes da memória e ambas anteriores ao pensamento. Portanto, é possível afirmar que há uma certa regularidade no desenvolvimento. Mas, como presente no livro, também é essencial ter conhecimento que toda evolução não é simplesmente linear e progressiva como também há a involução de outras funções enquanto algumas progridem e, neste caso, a estrutura anterior regride dando espaço para a nova formação - também notamos essa característica não linear e passível de involução em Wallon. A última lei do desenvolvimento trata dessa transformação das funções psicológicas e sua reorganização, formando uma nova estrutura a cada ciclo de desenvolvimento.

A quarta aula, denominada “O problema do meio na pedologia”, trata sobre o estudo do ambiente, seu papel em relação ao desenvolvimento da criança. Nela o autor afirma que é necessário estudá-lo sempre considerando a relação que a criança mantém com ele, melhor explicado em:

“ (...) os momentos essenciais para definição da influência do meio no desenvolvimento psicológico, no desenvolvimento da personalidade consciente, são a vivência. A vivência de uma situação qualquer, de um componente qualquer do meio define como será a influência dessa situação ou meio sobre a criança. Ou seja, não é esse ou aquele momento, tomado independentemente da criança, que pode determinar sua influência no desenvolvimento posterior, mas o momento refratado através da vivência da criança.” (VIGOTSKI, 2018, p. 76).

Após a explicação tem-se o exemplo de três crianças que vivenciam uma mesma situação familiar, porém cada um está em um momento do desenvolvimento diferente e, portanto, percebe e vivencia aquela determinada situação de maneira diferente. A influência do meio sobre a criança e como ela sente determinada questão, modifica o percurso de sua formação, isso explica também como pessoas que vivem no mesmo ambiente possam ser tão diferentes e ter uma personalidade tão única. E, cabe ainda ressaltar, a relevância do coletivo para a formação do sujeito:

“O que significa a lei que acabei de apresentar a vocês? Significa algo muito simples: o homem é um ser social e, fora da relação com a sociedade, jamais desenvolveria as qualidades, as características que são resultado do desenvolvimento metódico de toda a humanidade.” (VIGOTSKI, 2018, p. 90).

E para compreender melhor como ocorre o desenvolvimento individual em meio ao convívio social:

“Essa lei consiste em que as funções psicológicas superiores, às características superiores específicas do homem, surgem inicialmente como formas de comportamento coletivo da criança, como formas de colaboração com outras pessoas. Somente depois elas se tornam funções internas individuais da criança.” (Vigotski, 2018, p. 91).

A quinta aula com título: “Leis gerais do desenvolvimento psicológico da criança”, trata de como as funções psicológicas se desenvolvem e de como as estruturas psíquicas se organizam. Sempre que há uma mudança, há reestruturação no desenvolvimento psíquico da criança também. As funções estão em maturação e em intensa mudança nas conexões que estabelecem umas com as outras. Nesse

processo, as funções passam a se diferenciar uma das outras e, ao mesmo tempo, passam a se relacionar de formas diferentes e integradas.

“Por exemplo, na primeira infância, a percepção se destaca da trama geral da consciência. Já disse a vocês que ela ainda é insuficientemente diferenciada da própria emoção. Além disso, as percepções auditivas e visuais, as percepções das cores e das formas ainda são muito indiferenciadas. Então, apesar de a função como um todo já estar destacada internamente, ela é bastante articulada. Ela se destacou como um todo indiferenciado.” (VIGOTSKI, 2018, p. 101).

A conclusão desta primeira lei é de que o desenvolvimento é irregular e em cada ciclo do desenvolvimento, há diferenciação maior em uma função que outra. Quando uma parte se destaca mais que a outra por estar em mudança, as relações entre todas as estruturas mudam e uma nova organização é gerada - assim é o que a segunda lei diz nessa aula de Vigotski. Essa a nova estrutura, por sua vez, vai determinar as relações entre as funções de maneira diferente..

Rego (1995), ao comentar a teoria de Vigotski, afirma que ele considera os fatores orgânicos porém, também atribui grande importância aos fatores sociais, ou seja, a cultura - pois esta fornece instrumentos e a linguagem para a mediação do sujeito para/com o mundo. Assim, é possível afirmar que, a cultura e o aprendizado são muito importantes para o desenvolvimento do psiquismo humano, ou como denomina o autor, das funções psicológicas superiores.

Vigotski em seus trabalhos, trouxe grandes contribuições para a área da educação, assim como Wallon, focando as relações desta com a Psicologia. Ele elaborou um trabalho para explicar a função da escola e do aprendizado para o desenvolvimento do sujeito. Nessa esfera, ele organizou dois tipos de aprendizado baseado em conceitos cotidianos e científicos: as aquisições feitas a partir da vivência cotidiana são denominadas como conceitos espontâneos e, aqueles adquiridos no sistema escolar são chamados de científicos.

Cabe destacar ainda que, segundo Vigotski (2008), a brincadeira tem um papel fundamental na aprendizagem, já que, é através dela que a criança aprende. A brincadeira é uma situação fictícia, imaginária, na qual a criança coloca em prática suas vontades, seus desejos, afetos e interesses, mas que tem também regras próprias.

“Por exemplo, ao brincar, a criança chora como um paciente, mas alegra-se como um dos brincantes. Ela recusa o impulso imediato, coordenando seu comportamento; cada atitude sua está ligada às regras da brincadeira. Isso foi descrito maravilhosamente por Gross. Sua tese é que a vontade de uma criança nasce e se desenvolve nas brincadeiras com regras.” (VIGOTSKI, 2008, p. 32)

Nessa perspectiva, a brincadeira do “faz de conta” assim como a arte, é um espetáculo da vida real, os tópicos presentes são aqueles perceptíveis à criança - uma forma da criança interagir com a cultura e se colocar na sociedade como também compreender seu funcionamento. O jogo de funções de papéis e “faz-de-conta” pode ser chamado de uma forma de imitação, pois é quando ao imitar, a criança realiza tarefas que antes não realizava e assim a aprendizagem age diretamente no desenvolvimento. Essa forma de aprender promove o desenvolvimento de determinadas funções psicológicas. As regras e a finalidade da brincadeira tem valor emocional para a criança que a faz, por assim dizer, é uma forma de comportamento e também ajuda a organizá-lo (REGO, 1995).

Importante destacar ainda que Vigotski não faz separação entre o afetivo e cognitivo, pois acredita que o indivíduo deve ser compreendido como um ser de totalidade - em uma abordagem monista e materialista histórica (MAGIOLINO, 2010). O intelectual e o afetivo devem ser compreendidos juntos, pois ambos se relacionam e se desenvolvem em conjunto - como é assinalado por Rego (1995, p. 122): “Segundo ele são os desejos, necessidades, emoções, motivações, interesses, impulsos e inclinações do indivíduo que dão origem ao pensamento e este, por sua vez, exerce influência sobre o aspecto afetivo-volitivo”.

O desenvolvimento emocional, ponto que será abordado no próximo capítulo, tem intrincada relação com o racional, como Oliveira coloca:

“Reportando-se a Spinoza, Vigotski destaca a pertinência de suas idéias quando aquele “[...] afirmava que o homem tem poder sobre os afetos, que a razão pode alterar a ordem e as conexões das emoções e fazer com que concordem com a ordem e as conexões dadas pela razão” (VIGOTSKI, 1996, pág. 126).”(OLIVEIRA, 2003, p. 9).

Tendo em vista o material bibliográfico e suas pertinentes contribuições, é de extrema importância enfatizar, ainda, uma questão na perspectiva vigotskiana: a formação da personalidade. As relações sociais e a mediação são essenciais nesse processo. Como também afirma Wallon (1979) e para Vigotski (2000), o eu se reconhece através do olhar do outro e por isso também o papel do outro na formação individual se torna tão importante. Como Smolka e Magiolino (2010) enfatizam:

“(...) a personalidade individual se constrói nas relações do indivíduo com outras pessoas com as quais ele interage. Outras formulações também sustentam essa posição: "O homem é geneticamente social; o outro é um eterno parceiro do 'eu'", afirma Wallon. "O homem é um agregado de relações sociais", escreve Marx. "Para nós, o homem é uma pessoa social", diz Vigotski.” (SMOLKA e MAGIOLINO, 2010, p. 35).

O exemplo que as autoras trazem é muito interessante e consegue expressar bem como as relações sociais se relacionam com a formação do eu, da personalidade em um personagem de Shakespeare - Hamlet, o príncipe da Dinamarca. Ele desempenha vários papéis sociais e por isso, vivencia inúmeros diferentes conflitos decorrentes disto. É neste ponto que há um encontro entre o eu com o social, o fator orgânico com o cultural e da arte com a vida, pois elas se representam e se relacionam.

CAPÍTULO 2: A questão das emoções em Wallon e Vigotski na interface entre diferentes campos da ciência e do conhecimento

Neste capítulo, trarei um breve estudo sobre o conceito de afetividade e suas nuances - afeto, sentimento e emoção - procurando fazer uma breve reflexão sobre a noção ou conceito de emoção para Wallon e para Vigotski. Assim como o capítulo anterior versa as teorias gerais sobre a psicologia e o desenvolvimento em Wallon e Vigotski, a partir desta apresentação dos autores, este segundo capítulo tem por objetivo enfatizar as questões emocionais relacionando-as à razão, percepção, imaginação, criação e a arte, pois ambas estão interligadas.

Gostaria de trazer uma reflexão sobre emoção e razão, citando Galvão ao retomar as palavras de Dantas:“(...) a relação entre emoção e razão é de filiação, e, ao mesmo tempo, de oposição. Na expressão de Dantas 19 "a razão nasce da emoção e vive da sua morte"” (GALVÃO, 1998, p. 47).

Com essa citação acima, gostaria de levar o(a) leitor(a) à reflexão. Afinal, podemos perceber que em situações nas quais estamos com as emoções “à flor da pele” como dizem os ditados populares, deixamos de pensar com clareza e portanto, ou ignoramos a razão ou não a conseguimos buscá-la. E, por outro lado, quando deixamos a razão predominar, aparentemente pouco demonstramos afetividade.

A razão surge a partir da emoção, como nas palavras de Dantas, porém ambas apresentam reações orgânicas diferentes e podem levar ao sujeito, a tomada de uma decisão diferente quando tomamos a razão como predominante e outra quando tomamos a emoção. Porém será que a emoção e a razão, não participam ativamente nas tomadas de decisões em conjunto? Será que não é “colocado na balança” ao invés de tomar uma ou outra para si? A razão nos leva até a emoção em algumas situações? A emoção traz sentido ao comportamento? A emoção carrega razão em si?

Magiolino (2014), ao problematizar a definição de emoções mostra que: "têm sido definidas a partir de instintos, impulsos, sensações, percepções, estados corporais, expressões, motivos, necessidades e concebidas como sinais endógenos, processos fisiológicos ou orgânicos, manifestações corporais, descarga de energia."(MAGIOLINO, 2014, p.49). Porém, como defende a autora, as emoções não podem ser resumidas a isto, pois são processos complexos que compõem o psiquismo humano e a esfera mais ampla da afetividade humana.

De fato, nessa esfera, os termos emoções, sentimentos e afetos podem ser confundidos como palavras equivalentes, porém ambos se apresentam de maneiras diferentes nas mais diferentes teorias do campo filosófico e psicológico. Entre as contribuições dos estudiosos na temática das emoções, como ainda assinala essa autora, o filósofo Descartes defende a ideia de que para tomar conhecimento e ter domínio sobre as emoções ou como ele denomina como “paixões da alma” é necessário separar os mecanismos que são propriamente ditos do corpo e os quais são da mente; os do corpo são aquelas que dizem respeito à mobilidade e à mente, às condutas psíquicas e as ideias. A definição de paixões, segundo o filósofo, está no campo das: “*percepções, sensações e movimentos da alma*”. A filosofia cartesiana abrange o domínio da razão sobre a emoção e da mente sobre o corpo. Diferentemente desta, a filosofia defendida por Espinosa propõe que o corpo e a mente são atributos diferentes dentro de um sujeito e por isso, “o corpo não pode determinar a alma a pensar, a alma não pode determinar o corpo ao movimento, pois se trata da mesma coisa apresentada de modo distinto; uma ideia não pode modificar um afeto, um afeto, não pode modificar uma ideia.”(ESPINOSA apud MAGIOLINO, 2013, p. 162).

Com estas pontuações feitas acima, gostaria de conduzir a uma outra ideia que guarda intensa relação com as ideias dos autores aqui estudados: com esse contraste e essa aproximação da razão com a emoção, será possível desenvolver ambas para a construção de uma escola e uma sociedade mais justa, democrática, crítica e dentre outras?

2.1 Wallon e sua contribuição para a compreensão da afetividade no processo de desenvolvimento humano

Wallon (1971) em seu livro “As origens do caráter na criança” traduzido por Dantas, discorre sobre os termos: “afetivo, sentimental, emotivo e paixão”. O afetivo é tudo aquilo que diz respeito sobre afetividade, o sentimental, emotivo e paixão estão inclusos; O sentimental é aquele denominado como estimulado, mesmo sendo internamente ou externamente, gera imagens e pensamentos, ambos, ligado à imaginação; Enquanto que emotivo possui caráter contagioso, envolve sensibilidade e movimento, ambos em uma significação de orgânico e social. A paixão, por sua

vez, surge quando o sujeito governa suas reações afetivas utilizando-se do raciocínio.

O autor refere-se ao afeto por sensibilidade relacionando-o à movimentação, a tensão e ao tônus postural, assim explica sobre as emoções: “Função essencialmente plástica e de expressão, as emoções constituem uma formação de origem postural e possuem como substância fundamental o tono muscular.” (WALLON, 1971, p. 150, tradução de Dantas); Pensando nas emoções como o que a mesma causa no outro, então esta será uma forma de conectar as pessoas? Ela conecta o coletivo através da interação que causa e no contágio?

Retomando o primeiro capítulo, Wallon defende a ideia de que a emoção surge quando nasce o discernimento, quando há a diferenciação das funções e há ligação entre o orgânico e social. Ao adquirir a linguagem e se apropriar dos símbolos, a criança passa a expressar suas ideias, a sua fala vem de um pensamento e de uma emoção, ela toma consciência de si e do outro e, nesse processo, se forma sua personalidade.

“Ao longo do desenvolvimento, a afetividade vai adquirindo relativa independência dos fatores corporais. O recurso à fala e à representação mental faz com que variações nas disposições afetivas possam ser provocadas por situações abstratas e idéias, e possam ser expressas por palavras.” (GALVÃO, 1998, p. 43)

Wallon (1968) apud Galvão (1998) Diferentemente da emoção expressa pelos bebês, que se torna uma mescla de estados afetivos, sensações e comunicação, por ser a forma primária de atividade cerebral dos bebês, também pode afirmar que é a forma primitiva da função intelectual. Segundo Wallon (1968), devemos compreender a função das emoções estas, nas quais, apresentam-se por comando do sistema nervoso central e são de caráter orgânico atrelado ao sistema motor, assim como expresso:

"Sob a inspiração desta perspectiva ampliam-se as vias para compreendermos o significado das condutas infantis e das interações que estabelece com o meio: à sua fala e ações somam-se a postura, o jeito de caminhar, a maneira de executar os gestos e as expressões faciais. "A ótica walloniana constrói uma criança corpórea, concreta, cuja eficiência postural, tonicidade muscular, qualidade expressiva e plástica dos gestos informam

sobre os seus estados íntimos. O olhar se dirige demoradamente para a sua exterioridade postural, aproveitando todos os indícios. Supõe-se que a sua instabilidade postural se reflete nas suas disposições mentais, que a sua tonicidade muscular dá importantes informações sobre seus estados afetivos.” (GALVÃO, 1998, p 68).

De acordo com as ideias expressas, se o “gesto precede a palavra” como citado por Galvão, e na primeira infância o recém-nascido expressa suas emoções através das suas sensações, afetividade e gestos, então, as emoções precedem às ideias? De certo modo, as emoções são formas de comunicar algo ao outro, uma forma de se relacionar com o outro tanto quanto está presente no meio social. Wallon afirma que as experiências afetivas e pessoais são o pontapé inicial para os novos conhecimentos, pois é o primeiro contato que a criança tem com o mundo e com a sociedade.

O afetivo e cognitivo, nesta teoria, se alternam e estão sempre evoluindo juntos, mesmo que um de forma mais intensa que outro a depender do estágio de desenvolvimento em que se encontram. Tendo em vista o primeiro capítulo e a contribuição do autor para a compreensão da emoção, retomamos sua teoria dos estágios do desenvolvimento que prevê a alternância e predominância funcional, entre os campos afetivo e cognitivo.

No primeiro estágio, o impulsivo-emocional é predominante o campo afetivo. O bebê, antes de entrar no período de aquisição da linguagem, se expressa através dos outros sentidos e de seus gestos, movido pelas suas necessidades e expressando suas emoções de acordo com o que precisa e o que o incomoda. A emoção neste primeiro estágio emerge da maneira mais instintiva, mais pura e passa a ser consciente a partir do momento que o bebê percebe a reação que causa no meio social (Wallon, 1934).

O segundo estágio, sensório-motor e projetivo, tem predominância cognitiva. Porém, é de extrema importância para as mudanças no próximo estágio afetivo também, porque a emoção passa a ser expressa de maneira diferente após a aquisição da linguagem e a formação da consciência, pois ambos pontos auxiliam na emoção expressa de forma intencional, deixando de ser emoção mais instintiva.

No personalismo, terceiro estágio, o afetivo é destacado. A criança começa a conhecer a si mesma através do outro (Wallon, 1959). Através do meio social, passa a desenvolver sua personalidade. A emoção neste momento, é distinta do primeiro estágio pois a criança já adquiriu a linguagem e, expressa as emoções que

sente através das ideias e palavras, o que significa que a comunicação estabelecida com o outro se dá também por meio dos símbolos e signos. As relações sociais são estabelecidas de forma diferente de quando bebê - antes pode-se até dizer que a emoção se aproxima bastante da percepção, por ser um período antes das funções psíquicas se diferenciarem.

O quarto estágio, o categorial, também é outro que tem predomínio cognitivo, pois a criança está em busca de conhecimento e por assim dizer, também está a se conhecer melhor, conforme ela avança no conhecimento do mundo e do meio social. O desenvolvimento emocional ocorre, mesmo que de forma menos intensa. Porém, como dito anteriormente, este vai colaborando para a próxima fase que está por vir, assim como a oscilação do afetivo colabora com o estágio cognitivo, de conhecimento - o que leva o autor a afirmar que ambos se relacionam e se desenvolvem em conjunto sempre.

No quinto e último estágio, a adolescência, o afetivo tem destaque novamente. As mudanças corporais e os hormônios circulando pelo corpo, em alta produção, alteram as emoções e o sujeito se volta para as relações sociais e estas se transformam. Isso ocorre porque o sujeito olha para si de forma diferente e, conseqüentemente, para o outro também, ou vice-versa.

Como podemos perceber, nos diferentes estágios, a emoção, para Wallon (1934), tem uma função no corpo, seja para regular uma postura, uma tensão ou seja para expressar uma reação a uma situação. Ela - a emoção é de cunho orgânico, pois vem acompanhada de mudanças orgânicas e posturais, mas também social, pois se nota uma transição de um estado afetivo a outro nas interações com o meio.

É importante ressaltar alguns significados distintos de dois termos que, normalmente, são interpretados como palavras equivalentes: as emoções são mudanças orgânicas e físicas, enquanto que as demonstrações afetivas são em forma de sentimentos e expressados de maneiras diferentes após a aquisição da linguagem. Também, para Wallon, é possível identificar diferentes estados como: emoção, sentimento e paixão; A emoção tem caráter contagioso e é orgânica; Já sentimento não apresenta necessariamente uma mudança física aparente e surge após a aquisição da linguagem; Já a paixão surge quando os próprios desejos se fundem aos desejos do outro, do parceiro, no enamoramento, acaba por não diferenciar o eu do outro (Galvão, 1998).

“As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações. As emoções possuem características específicas que as distinguem de outras manifestações da afetividade. São sempre acompanhadas de alterações orgânicas, como aceleração dos batimentos cardíacos, mudanças no ritmo da respiração, dificuldades na digestão, secura na boca.” (GALVÃO, 1998, p 43)

Segundo Wallon, a emoção é influenciada pelo meio que, tanto pode ser combustível para ela quanto pode amenizá-la. Assim, também acontece quando, em um meio onde há muitos bebês, um deles chora e se apresenta bastante irritado, outros bebês se incomodam com o choro deste e começam a chorar também, surgindo uma situação de crise emocional naquele ambiente. Os bebês são muito sensíveis neste quesito, pois utilizam desta manifestação emocional, como uma forma de se comunicar. “Atividade eminentemente social, a emoção nutre-se do efeito que causa no outro, isto é, as reações que as emoções suscitam no ambiente funcionam como uma espécie de combustível para sua manifestação.” (GALVÃO, 1998, p 45).

Como visto anteriormente, a emoção nos bebês se mistura à percepção e suas sensações que, ainda não foram diferenciadas devido ao desenvolvimento das funções, que ocorrerá mais tarde. Desse modo, a emoção se mostra como uma forma de percepção inicial, uma forma do intelecto mesmo apresentado em sua forma embrionária. As emoções se apresentam como reações orgânicas, ou seja, como manifestações que trazem as necessidades que precisam ser satisfeitas diante de estados afetivos como: chateações, incômodos, satisfação, conforto, dentre outras.

“Sozinho, o bebê não é capaz nem mesmo de virar-se de uma posição incômoda, seus movimentos não se ajustam às circunstâncias exteriores e não têm eficiência objetiva. Sua primeira atividade eficaz é desencadear no outro reações de ajuda para satisfazer suas necessidades. Não há adulto que permaneça indiferente aos gritos ou às gesticulações de um recém-nascido. Seus movimentos expressam disposições orgânicas, estados afetivos de bem estar ou mal-estar. A vivência de situações desagradáveis, como fome, cólica ou desconforto postural expressa-se em espasmos, contorções, gritos. Diferentemente, o bem-estar decorrente de situações como a saciedade, o sabor do leite ou o contato com o seio da mãe expressa-se por uma movimentação menos tensa, mais harmoniosa:

os olhos se abrem bem, os lábios esboçam um sorriso e, quando a satisfação é intensa, as pernas se mexem como se estivessem pedalando no vazio.” (GALVÃO, 1998, pp. 41, 42).

A comunicação entre a pessoa que cuida e do recém-nascido é uma comunicação através de afetos, gestos e expressões. Por isso, na educação infantil, as e os educadores cantam para os bebês, conversam. Essa primeira comunicação, os gestos, os afetos, são pontos essenciais para o desenvolvimento. Com o passar do tempo e das experiências, já que sempre está experimentando e testando, o bebê se dá conta que ao chorar, é atendido, suas ações passam a ser calculadas para chamar a atenção dos outros.

Um exemplo de mudança de postura que o citado livro traz: “Por um pretexto qualquer, faz uma bela birra, briga, até conseguir chorar. Passada a crise a criança fica calma, relaxada. Através do choro houve descarga da tensão que a impedia de relaxar.”(GALVÃO, 1998, p. 44). Como explicado anteriormente, cada emoção tem uma função, e, neste caso, a crise de choro teve um funcionamento de aliviar uma postura tensa no qual o impedia de se manter tranquilo. Além disso, é importante ressaltar que a emoção é instigada através do meio social, ou seja, ela é reativa às consequências causadas, a criança reagirá determinada forma emotivamente a depender do que causar na pessoa com quem interage.

“Em situação de crise emocional (quando o sujeito mergulha-se completamente nos efeitos da emoção e perde o controle sobre suas próprias ações) a tendência é que os efeitos da emoção se desvanescam caso não haja [pág. 64] reações por parte do meio. Ou seja, na ausência de "platéia" as crises emocionais tendem a perder sua força.” (GALVÃO, 1998, p. 45).

As emoções, como apresentadas anteriormente, possuem uma função no qual consiste no indivíduo se ajustar ao meio em que se encontra. No caso de conhecimento e raciocínio, as crises emotivas se distinguem devido a outras maneiras de adequação ao meio. Como percebido, para Wallon (1975), a emoção é uma forma primitiva de conhecimento intelectual, é um mecanismo de origem psíquica da consciência e é a forma como os bebês se comunicam, já que esses não têm domínio simbólico e ainda não se expressam por ideias.

“ Wallon” (1979), em suas teorias envolvendo emoções, cita o movimento e músculos, pois há duas funções: a que é responsável pelo movimento e a que é responsável pela regulação da tensão muscular. “(...) a criança precisa construir, por meio de seus gestos e posturas, um cenário corporal - o gesto precede a palavra. É o que Wallon chama de mentalidade projetiva: ainda frágil, o ato mental projeta-se em atos motores.” (WALLON apud GALVÃO, 1998, p. 50).

A partir do momento que ocorre o domínio dos signos, a criança têm uma reorganização em suas funções psíquicas com suas emoções, as emoções dão sentido às condutas. Além dessas mudanças após o estágio da linguagem, ocorre também:

“Ao longo do desenvolvimento, a afetividade vai adquirindo relativa independência dos fatores corporais. O recurso à fala e à representação mental faz com que variações nas disposições afetivas possam ser provocadas por situações abstratas e idéias, e possam ser expressas por palavras.” (GALVÃO, 1998, p. 43)

Diferentemente do que imaginei antes de estudar o autor, Wallon não é contra ou a favor das emoções, ele acredita ser necessário entendê-las, o que significa atribuir valor a essas alterações orgânicas e seu papel naquela determinada circunstância.

“Ao invés de tomar partido contra ou a favor das emoções, numa inadequada perspectiva de valoração, busca compreendê-las tentando apreender sua função. Contrariando a visão das teorias clássicas, defende que as emoções são reações organizadas e que se exercem sob o comando do sistema nervoso central. O fato de contarem com centros próprios de comando, situados na região subcortical, indica que possuem uma utilidade; caso fossem desnecessárias não mais teriam centros nervosos responsáveis pela sua regulação.” (GALVÃO, 1998, p. 41).

2.2 Vigotski e suas contribuições para compreensão das emoções como complexos processos histórico-culturais do psiquismo humano

É importante deixar as e os leitores cientes de que: para quem deseja estudar as emoções em Vigotski, o psicólogo não definiu emoções nem trouxe uma teoria sobre elas de forma direta, mas sim estudos que nos levam a elas, apenas pistas do seu pensamento sobre elas.

Algumas palavras como: “*paixões, afetos, emoções e sentimentos*” não foram diferenciadas por Vigotski e consiste em um tema estudado nos dias atuais a fim de determinar as razões - do autor não ter feito a diferenciação - como também uma preocupação da psicologia em compreender os mecanismos que os fazem propriamente humanos - como assinala Magiolino (2010; 2015).

Segundo essa autora, estudiosos de Vigotski como Yves Clot defendem a ideia de que é preciso diferenciar estes termos da seguinte forma:

“A emoção está ligada aos estados corporais, que se desenvolvem e são cultivados como sentimentos, ou representações coletivas e instrumentos sociais de pensamento. Sentimento seria então a emoção nomeada, lugar de cultivo das emoções. Finalmente, os afetos são mediados pelas emoções e consistem, em parte à energia que as (trans)forma e (i)mobiliza.” (MAGIOLINO, 2010, p. 45).

No entanto, como ainda aponta a autora, no decorrer dos estudos de Vigotski, se nota que ele é contrário à ideia de que a emoção é simples resposta ou reação orgânica a algo, sendo estritamente biológica.

Como Magiolino (2010) explica, para Vigotski, a emoção se constitui junto às demais funções psicológicas - como a imaginação e a percepção.

“A percepção é, então, sempre emocional, carregada de valor, afeto, sentimento e emoção. A conexão inicial, característica da relação entre as funções, se desintegra e surge uma nova conexão: ao mesmo tempo em que conheço, penso-sinto. Para Vigotski, os meios de comunicação social (signos) são centrais para as complexas funções psicológicas que surgem quando estas se transformam em individuais, em uma forma de comportamento da própria pessoa.” (MAGIOLINO, 2010, pp. 90,91).

Tanto a parte afetiva quanto a cognitiva formam o indivíduo integral, são indissociáveis. A fim de sistematizar as ideias expressas na relação do emocional com o intelecto, Vigotski (1998) relata as influências das emoções na consciência:

“Se for correta a velha tese (as emoções são um mecanismo biologicamente útil), é incompreensível que as emoções sejam causa de tão profundas e prolongadas alterações de todo o comportamento, porque quando estamos preocupados não conseguimos pensar conseqüentemente, porque quando nos sentimos transtornados não conseguimos agir de forma conseqüente e sistemática, porque quando estamos muito afetados por algo somos incapazes de nos dar conta de nosso comportamento, controlar nossos atos, em outras palavras, porque os movimentos agudos dos processos emocionais originam tais mudanças na consciência que relegam a um segundo plano o desenvolvimento de toda uma série de funções, que asseguram a vida normal da consciência.” (VIGOTSKI, 1998, p. 101)

Na perspectiva vigotskiana, a emoção também se apresenta na imaginação e na criação através das brincadeiras, pois estas são de cunho emocional, uma vez que ela representa os desejos infantis no "jogo de papéis" e "faz-de-conta", as regras são determinadas pelas percepções que a criança tem da realidade e das "regras" sociais. A arte também apresenta uma forma da realidade e os desejos sendo realizados e portanto, apresenta através das emoções.

A concepção da importância das brincadeiras, segundo Vigotski e, como se dá as regras do “faz-de-conta”, essas brincadeiras são de cunho emocional pois apresentam desejos das crianças. Assim como explícito nesta passagem:

“A essência da brincadeira é que ela é a realização de desejos, mas não de desejos isolados e sim de afetos generalizados. Na idade pré-escolar, a criança tem consciência de suas relações com os adultos, reage a eles com afeto, mas, diferentemente do que acontece na primeira infância, generaliza essas reações afetivas.” (VIGOTSKI, 2008, p. 26, tradução de Zoia Prestes)

A relação entre emoção e imaginação também aparece nos trabalhos de Vigotski sobre a atividade criadora na infância. Em seu livro: *“Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico”*, o autor, no segundo capítulo, discute as formas de vinculação entre a realidade e a imaginação. A primeira trata de que a imaginação traz pontos da realidade e de uma experiência já vivenciada; a segunda retrata que a fantasia mais complexa é criada através de acontecimentos também relacionados à experiência social; a terceira afirma que a imaginação e a realidade são emocionais, uma vez que pontua as relações de mútua influência entre imaginação e

emoção nas experiências vividas; a quarta diz respeito à imaginação cristalizada, quando esta toma forma e significação para o sujeito ao se referir a um objeto.

Segundo Magiolino (2010), às funções psíquicas se desenvolvem e se reorganizam entre si, a emoção está em constante modificação em relação com a memória, o pensamento e a imaginação, como expresso:

“As emoções se (trans)formam ao longo da vida, ao longo da história. Neste movimento, em relação com outras funções a memória, o pensamento, a imaginação - e passam a afetá-las e a ser afetadas por elas, expressam-se de maneira integrada ou até mesmo por meio dessas funções. Desse modo, surgem relações complexas entre as funções psicológicas e modifica-se o vínculo da emoção com as demais funções.” (Magiolino, 2010).

A apropriação da linguagem, da fala, da escrita, da cultura e a inserção na sociedade modifica o modo do sujeito ver as situações, perceber e sentir. Assim como a emoção se transforma após a criança adquirir os signos e a linguagem, assim como defendido por Vigotski e contudo, a linguagem não só transforma as emoções como também afeta as condutas humanas. Vigotski em sua trajetória e suas pesquisas buscou elaborar sobre a consciência, e compreender sua relação com o fator emocional, assim como citado por Magiolino (2010).

Vigotski (1999) fala em desenvolvimento das emoções e, com isso, Magiolino (2010) defende que elas se tornam complexas em função da história e da cultura humana e seu processo de significação. Como essa autora argumenta, Vigotski instiga um ponto crucial para a compreensão da emoção as palavras atribuem significado às emoções e estas atribuem sentido às palavras:

“A palavra, como signo, assume um caráter, um dizer, uma expressão, um sentido, um significado, uma significação... A palavra humana sem significado é, para Vigotski, um som vazio. A palavra é histórica, a palavra condensa e mobiliza sentidos, a palavra constitui, a palavra afeta... E afeta e constitui sujeito, pensamento, emoção... A palavra emociona... O significado da palavra é o microcosmo da consciência humana.” (MAGIOLINO, 2010, p. 1)

Como essa autora traz em sua tese, as emoções e as palavras se complementam e se modificam de acordo com o tempo, a medida em que o tempo

avança, as significações e a cultura estão em constante mudança e então, as palavras e a emoção também e por isso como conclui a autora: não podemos, simplesmente reduzir as emoções como apenas mecanismos biológicos, devemos vê-la como um todo: é cultural, é histórica, é abstrata, é pessoal e social ao mesmo tempo.

Assim, a palavra traz afeto e emociona; a emoção, por sua vez, é também expressa por palavras desde o momento em que o sujeito ele toma para si os símbolos e signos da cultura que está inserido. Com isso, podemos retornar a indagação inicial deste capítulo e pensar que a razão não vive da morte da emoção como defendia Dantas, mas que a razão é constantemente afetada por ela - afinal, o que traz sentido às palavras são as emoções vividas; trazem sentido às interações sociais.

As funções psíquicas: memória, linguagem, pensamento e dentre outras, entram em conflito no meio social devido às mudanças de papéis do cotidiano e defende a ideia da modificação na personalidade definindo que nem sempre a emoção fica em segundo plano, enquanto que a razão prevalece. Como discutido em:

“As funções psicológicas - pensamento, memória, linguagem etc. - e os sistemas que as compõem entram em choque nas relações sociais em que os sujeitos ocupam diferentes posições ou papéis sociais. O autor problematiza, por exemplo, as relações entre o pensamento e o desejo na dinâmica da personalidade questionando a hierarquia fixa entre as funções, com isso, ele desarma a ideia de que o pensamento (razão) tem sempre primazia sobre o desejo (emoção).”(MAGIOLINO,2015,p.143)

A emoção é constitutiva do ser humano, constitui a personalidade. Portanto, a ideia de que é algo negativo deve ser quebrada, assim como a autora descreve:

“Aqui, vemos um indício importante acerca do lugar que ocupam os processos afetivos e a emoção na dinâmica da personalidade: não se trata de uma perturbação da razão, de um distúrbio, de algo que deve ser, a todo custo, superado, eliminado, expurgado, mas de algo que é vivenciado porque constitui a subjetividade humana.”(MAGIOLINO, 2015, p. 143)

A formação da personalidade se dá conforme temos interação com outros sujeitos, uma vez que tomamos diversas posições na sociedade, a nossa personalidade é tudo aquilo que nos constitui: nossos papéis sociais (mãe, filha, avó, tia, prima, sobrinha, professora, aluna e dentre outros), nossos valores, nossas

ideias, nossas condutas e tudo aquilo que somos e quem somos, a contar em todos os lugares que existimos.

Cabe ainda mencionar algumas elaborações de Vigotski (2001; 2009) sobre a relação da emoção com a imaginação e a arte. O autor biografado trata da relação da arte com a vida, essa que, reproduz, ressignifica a realidade e que também é uma forma de modificá-la. As relações entre a afetividade na arte e na vida são temas abordados pelo autor com relação à imaginação e fantasia. A emoção é nutrida pela imaginação e fantasia e vice-versa.

No artigo: *A significação das emoções no processo de organização dramática do psiquismo e de constituição social do sujeito* de Magiolino (2014), trata de uma análise da Cia, uma companhia de teatro, o texto descreve o processo de imersão do atores, da visita ao lugares e memórias em uma situação imaginária vivida na sala de ensaio. A autora também analisa a encenação e a roda de conversa após as cenas, para entendermos a relação entre emoção e arte. Os gestos e movimentos exercidos, sendo criados ou reproduzidos pelos atores em cena, são formas de comunicar, extrapolar os sentimentos e emoções vivenciadas mesmo que não expressadas pela fala e ressignificá-las. A autora escreve:

“As sensações vão dando o tom das expressões que seus corpos assumem. No processo de sentir/expressar, os gestos das atrizes são esculpidos por elas por meio de seus movimentos, sensações e expressões. Elas trabalham experienciando as emoções em seus corpos e mentes e, então, construindo modos de se colocarem em cena.” (MAGIOLINO, 2014, p. 53).

Dentro da perspectiva artística, as emoções são experimentadas e conseguem ser, de alguma forma, reguladas e providas pela razão numa imersão emocional imaginária. As emoções ditas como negativas: raiva, ódio, rancor, mágoa e dentre outras, sempre são consideradas ruins e carregamos a ideia de que precisamos controlá-las. A autora menciona que isso é uma forma de negar o que se sente e agir como se não o sentisse, as emoções não são positivas ou negativas a priori; elas expressam uma ideia, um sentimento e possuem uma função, elas são interpessoais e movidas pelo meio e é nesse meio que adquirem sentido e são significadas, a posteriori.

Como apontado por Magiolino (2014), a arte pode transformar as emoções antes vividas na vida real e dar um sentido diferente a essas em uma situação

imaginária, na criação artística. Os sentimentos expressados dentro da arte utilizam-se da imaginação, como também da memória. Isso acontece, por exemplo, quando o ator já vivenciou algumas das situações e precisa trazer de volta as emoções que sentiu, processo denominado de imersão por uma companhia de teatro pesquisada pela autora. “Como vimos nas palavras de um ator na epígrafe, suas emoções no palco se (con)fundem com as emoções da vida. Experiência de vida e de palco se emaranham, compõem uma trama.”(MAGIOLINO, 2010, p. 139).

Assim compreendemos como as emoções são complexos processos do psiquismo e são constituídas no meio social e cultural, por isso são consideradas histórica e cultural, segundo as teorias percorridas no artigo de Magiolino (2014). O contato com a arte afeta de tal forma que coloca o sujeito a refletir sobre suas sensações, num processo de ressignificar, refletir o dia a dia e desenvolver as funções afetivas.

Na perspectiva de Vigotski (1999), a arte é a “*técnica social do sentimento*” e por isso, a arte pode ser uma alternativa na qual adquirimos e aprimoramos nossa compreensão e elaboração de nossos sentimentos. Esta técnica não só desenvolve nossas emoções como também a nossa personalidade.

A emoção da qual, os textos lidos buscou definir e compreender, é tão importante para o desenvolvimento, pois é ali onde tudo começa, o pontapé inicial do desenvolvimento. No início, ela é uma percepção, sensação que exprime necessidades fisiológicas e então, coma apropriação da aquisição da linguagem, ela toma uma posição diferente, na constituição do eu, no conhecimento de si e do mundo, na constituição da personalidade e um mecanismo para a interação, mediadora dentro das interações e qualidade peculiar.

O afeto, como defendido por Vigotski, está presente no início do desenvolvimento, é o mecanismo que modifica todos os outros e organiza diversas vezes as funções do sistema nervoso, ele permanece ali em todo o desenvolvimento e inclusive, ele constitui a personalidade de cada sujeito. Neste sentido, a autora define a posição do afeto no desenvolvimento: “Neste fato se acha a expressão anatômica, aquela circunstância em que o afeto é o alfa e o ômega, o primeiro e o último elo, o prólogo e o epílogo do desenvolvimento psíquico. (Vigotski, 1996, p. 299 apud MAGIOLINO, 2010, p. 92 - tradução da autora)

Contudo, foi possível compreender que as palavras afetam, emocionam, as ideias são carregadas do lado afetivo, com toque humanizado, essa peculiaridade é

o que traz cor para o tom das palavras assim como afirma Bakhtin (2003) apud Magiolino (2010); e, como diz Vigotski (1999) sobre as palavras carregadas de afeto terem impacto maior que palavras vazias e isso é algo muito comprovado quando trabalhamos com a educação infantil, as crianças são perceptivas às emoções.

Para compreendermos melhor a perspectiva de emoção para Vigotski, vale a pena conferir o grifo em uma de suas obras: “Em Psicologia Pedagógica, Vigotski afirma a importância das emoções no comportamento da criança e a necessidade de uma educação dos sentimentos, ressaltando que “A emoção não é um agente menor do que o pensamento” (p. 144).”(MAGIOLINO, 2010, p. 87) Segundo a citação da autora sobre a teoria vigotskiana: quando penso sobre algo externo, nada acontece, pois opinar sobre o que há fora, não é capaz de mudá-lo mas quando volto meu olhar para dentro e reflito sobre este, posso modificá-lo a meu modo, ou seja, por exemplo: pensar sobre algo no outro, no meio social, no ambiente , na cultura, não tem o poder de modificá-los porém, quando pensamos em nossos comportamentos, em algo que vivenciamos, algo que sentimos, podemos ressignificá-los e assim, mudar nossa forma de perceber e até mesmo solucionar questões existentes.

CAPÍTULO 3: Afetividade e emoção no processo de desenvolvimento cultural da criança: uma reflexão sobre as contribuições da perspectiva histórico-cultural à educação infantil

No presente capítulo, será abordado o desenvolvimento emocional relacionado à educação e, mais especificamente, à educação infantil. Tomando as relações entre a educação e a emoção, traremos à discussão o problema da educação estética e sua importância para o desenvolvimento emocional num contexto educacional marcado pela desigualdade social.

Nesse sentido, é relevante retomar o que fala Safatle (2020) sobre a engenharia social da indiferença em nosso país. O autor discute as concepções de solidariedade e banalização do afeto em relação ao nosso momento atual - pandemia de covid -19 - e as consequências irreparáveis (as mortes) e a negligência com a saúde da população e a violência praticada pelo estado:

“Mas o principal esforço até agora não consistiu em mobilizar os esforços e riquezas do país para evitar as mortes. O principal esforço consistiu em banalizá-las. Afinal, não é verdade que morre todo o ano mais de 60.000 pessoas por violência neste país? Qual a razão então para todo esse alarmismo? Como se os números da violência não fossem por si alarmantes, nos provocando indignação a todo momento. Números estes, diga-se de passagem, que descrevem, principalmente, a violência policial: peça maior da gestão social desse país.” (SAFATLE, 2020)

O trecho citado acima traz algumas razões para voltar o olhar para as questões emocionais - a violência, a banalização dos afetos, a insensibilidade, desumanidade - para iniciar a nossa reflexão sobre a educação e adentrar no trabalho com as emoções na educação infantil.

Como resolução das questões relacionadas aos conflitos e a à violência na escola, a dita "alfabetização emocional" de Goleman (1995) ganhou destaque nos últimos anos. E, mais recentemente, o trabalho com as emoções têm sido colocadas em pauta também na discussão atual das chamadas habilidades e competências socioemocionais (Smolka et. al, 2015). Porém, isso tem sido feito com base em duas premissas centrais: a separação entre os aspectos afetivos ou emocionais e os aspectos intelectuais ou cognitivos; e na premissa de que os sentimentos ruins

devem ser controlados e não devem existir. A questão é que, como visto anteriormente nas teorias dos autores estudados, as emoções se desenvolvem conjuntamente com a razão, o pensamento e não são positivas ou negativas para as interações e para o sujeito, elas possuem uma função de organizar dentro do seu sentido social e biológico como uma função fisiológica também como mediadora da razão.

Os conflitos presentes nas instituições escolares têm sido cada vez mais comuns e portanto, a equipe de docentes e gestão das escolas estão em busca de métodos e projetos que trabalhem as questões emocionais, de maneira a ideia de "controlá-las" porém como expresso no artigo *Afetividade e/na educação: sentir e expressar na experiência (est)ética - contribuições da filosofia espinosana*, a chave para resolução desses conflitos que utilizam da violência, está em reconhecer as emoções e desenvolvê-las, uma educação que busca compreender com sensibilidade e buscar alternativas que expressem-as sem usar violência.

O projeto de *Inteligência Emocional* (estratégia cognitivista, de base moralizante) baseia-se em tomar discernimento de si mesmo e governar as emoções, as dinâmicas propostas consistem em questões de resolução de conflitos, aprender a interpretar as feições e o que elas nos mostram em questões emocionais, o momento de reflexão, de identificar as emoções básicas. A dita como *alfabetização emocional* significa associar uma emoção, um sentimento a uma expressão cujo objetivo é evitar a expressão através da violência.

Vale a pena resgatar os princípios norteadores da Educação Infantil dentro das Diretrizes Curriculares:

“As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios:

* Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

* Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

* Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.” (BRASIL, 2010, p. 16)

A escolha de trazer os princípios das Diretrizes Curriculares da educação infantil já explicita a importância de falarmos de um tema como o desenvolvimento

emocional e qual a relevância deste para a educação infantil. Assim como expresso por Galvão (1998) ao comentar a formação integral do ser humano:

“A opção por estudar o desenvolvimento da pessoa completa e a de basear este estudo numa perspectiva dialética, faz com que sua teoria, abrangente e dinâmica, sirva a múltiplas leituras por parte de quem procura, nela, subsídios para a reflexão pedagógica. Tratando de temas como emoção, movimento, formação da personalidade, linguagem, pensamento e tantos outros, fornece valioso material para a adequação da prática pedagógica ao desenvolvimento da criança.”(GALVÃO, 1998, p. 63)

Tendo como base os princípios das diretrizes da educação infantil e seu papel na construção de uma educação pautada no respeito, na expressividade, na autonomia, na solidariedade e dentre outros, devemos voltar nosso olhar para a formação integral dos pequenos e das pequenas, a considerar cognitivo e afetivo. Residem aqui, como vimos, algumas das principais contribuições dos autores estudados.

Para Wallon (1947), a escola possui um papel de relevância na formação dos sujeitos como na constituição da sociedade, pois as instituições escolares possuem um caráter social e político, é uma instituição que toma posicionamento para mudanças nos dois âmbitos - social e político. Além disso, a escola é uma amostra da sociedade, nela, contém tudo o que esta segunda tem, podemos afirmar ser ela um espaço de denúncia da realidade mundo afora?

A escola denuncia as injustiças sociais e luta pelos direitos da população dentro da sociedade, numa formação política assim como é uma forma de afastar as crianças consideradas em situações de vulnerabilidade da violência e da criminalização e garantir o direito das mesmas à educação, é através da educação que se transforma a sociedade pois é através dela que se forma o sujeito, cidadão e também, o mesmo é instigado a pensar de forma crítica.

Assim como Wallon, o interesse de Vigotski pela área da educação foi muito grande e sua contribuição também. Como vimos, ele estudou o desenvolvimento psíquico, funções que são imprescindíveis no processo de ensino e aprendizagem, como por exemplo: *memória, fala interior, brincar, imaginação, arte como uma forma de educar* e dentre outras, a relação da educação com o brincar foi instrumento para estudos que formaram suas teorias. A fala interior conduz as ações da criança e o modo como ela é desenvolvida internamente, também é assim que acontece no mundo externo. É importante ressaltar que essas funções se

desenvolvem pela interação do sujeito com o meio social e por isso, a escola deve se mostrar um ambiente seguro e um leque oportunidades de aprendizagem e experiências que propiciem a formação das crianças através da arte e das ciências, o desenvolvimento das expressões e das emoções, numa profunda busca por conhecimento de si e do mundo. Nessa esfera, a função do pedagogo, segundo Vigotski apud Bock (2018), consiste em fazer não só o aluno aprender uma disciplina, um conhecimento, mas senti-lo.

A brincadeira, elaborada pela criança, tem um papel fundamental e atrela as emoções ao aprendizado, a criança coloca nela, o que sente, uma vez que ela expressa seus desejos através do brinquedo e a dinâmica toma seu lado afetivo. A emoção, como vimos, está no cerne da consciência e portanto, se faz relevante tanto para a educação, no processo de desenvolvimento integral do ser, de aprendizado quanto para o desenvolvimento.

A cultura e o contexto histórico, ambos constituem as funções psicológicas superiores, a origem da consciência se dá através da apropriação da linguagem e é por ela que os pensamentos são organizados, as condutas humanas são transformadas e o significado do mundo também, é com o desenvolver humano que, o ambiente em conjunto, tem mudado constantemente.

A relação do afetivo com a razão se dá uma vez que as emoções são organizadoras internas do comportamento mental, são como reguladoras do psiquismo. A emoção é primordial para o desenvolver, é através dela que se constituem o aprendizado e a experiência, como também a construção do eu, da personalidade na relação do sujeito com o meio.

Segundo Vigotski (2018), em suas aulas de pedologia, o meio é fonte para o desenvolvimento infantil e a criança busca nele o que precisa, ambos estão em constante mudança e por isso, em cada faixa etária, em cada estágio pedológico e uma mesma situação afetando mais de uma criança, se desenvolvem e as afetam de maneira distintas, já que: 1 - elas se encontram em períodos pedológicos distintos, 2 - ela forma uma consciência interna de cada situação e portanto, a sente a sua maneira.

Diante de todas essas informações, gostaria de adensar a discussão sobre as contribuições dos autores trazendo algumas questões debatidas por autores contemporâneos, estudiosos de suas obras sobre a dinâmica do afeto e do conflito no espaço escolar tendo em vista uma educação sensível.

Afinal, após dois anos de isolamento social têm sido recorrentes as situações de conflito e violência na interação entre os alunos, tudo que os mesmos sentem se tornam motivos para a expressão através de condutas agressivas e violência física e verbal - como assinalado em capítulos anteriores. Em contraposição a isso, as ideias de Wallon e Vigotski são fundamentais.

Em termos de contributos para a área educacional e, em específico, a educação infantil, Wallon (1995) discorre sobre o papel das emoções (o tônus e o controle postural) e do conflito no desenvolvimento da criança. Galvão (1998) relaciona suas elaborações sobre isso à prática pedagógica nas escolas: a cobrança para a criança ficar sentada, parada e calada; como ela argumenta este já é um pedido bem difícil até para os adultos - os quais possuem controle dos seus movimentos e do seu corpo - e, ainda mais, para as crianças que estão em desenvolvimento de suas funções mentais, desenvolvendo a fala e os movimentos, se assim pudermos dizer: no ápice da curiosidade de saber tudo e testar. Postura, atenção e aprendizado são mecanismos que já eram estudados em conjunto desde a Grécia antiga: o filósofo Aristóteles ministrava suas aulas se deslocando assim como seus alunos, pois o movimento, o andar dava movimento ao corpo e a mente, na organização das ideias e do pensar, como Galvão (1998) traz em seu livro.

Na concepção de Wallon o contato do indivíduo com o meio social em direta interação com o outro é importante e inclusive, os conflitos se mostram positivos para o desenvolvimento. Como afirmado por Galvão: "Para Wallon, "o outro é um parceiro perpétuo do eu na vida psíquica". Mesmo na vida adulta, os indivíduos se vêem às voltas com a definição das fronteiras entre o eu e o outro [...]"(GALVÃO, 1998, p. 39). E, mesmo quando ressalta a importância das interações, os conflitos possuem caráter formativo: "Wallon mostra sua importância para o processo de construção da personalidade, atribuindo ao conflito eu-outro um significado positivo, dinamogênico." (GALVÃO, 1998, p. 72); Os conflitos como defendem Wallon (1995) e Vigotski (2000), são de grande importância na constituição do sujeito e de sua personalidade.

Como as citações anteriores denotam, o sujeito em contato com o mundo e com outros sujeitos, forma a si mesmo e toma conhecimento de si mesmo, se reconhecendo através do olhar de outrora. Neste processo da constituição do eu, o sujeito entra em conflito com os colegas e com as figuras vistas por ele como mais distantes, "autoridades" como o professor. Este, como afirmado por Galvão (1998),

precisa uma postura de incentivar a colaboração, a negociação e a autonomia, pois estas o auxiliarão em futuros mecanismos para agir no meio social - afinal lidar com os conflitos é uma habilidade de grande relevância dentro da vida social.

Galvão (2004) em seu livro sobre conflito e violência, afirma que ambos não são sinônimos, uma vez que há relações sociais, há conflito pois este é essencial na interação humana e para que ele não se aproxime da violência, é preciso buscar uma forma de entendê-lo para que assim possa resolvê-lo ou amenizá-lo, assim como assinala a autora:

“O olhar para os conflitos não significa que iremos solucioná-los. Alguns, inclusive, não têm solução. Mas o simples fato de serem olhados já é por si algo que possibilita melhores gestões, uma vez que estimula, nos atores educacionais, a criação de canais de leitura a partir dos quais se poderia trilhar possíveis caminhos de solução.” (Galvão, 2004, p. 3)

É comum observar nas escolas as formas de resolver as questões entre os alunos em forma de violência e, muitas vezes, com a atribuição de certo e errado por meio do olhar adulto - seja dos responsáveis como também das figuras de autoridade na escola.

As crianças tomam a figura do professor como autoridade e suas condutas têm relação com o olhar que o professor volta às crianças e, devido a isso, a relação entre docente e discentes se torna também, imprescindível no processo de ensino e aprendizagem. É o que demonstra Leite (2012) em seu artigo “Afetividade nas práticas pedagógicas” ao comentar diversos fatores que permeiam a interação professor-aluno, quando relata algumas conclusões de sua pesquisa:

“Finalmente, deve-se destacar que nas atividades de ensino concentra-se, concretamente, grande parte da carga afetiva da sala de aula, através das relações interpessoais entre professores e alunos: olhares, posturas, conteúdos verbais, contatos, proximidade, tom de voz, formas de acolhimento, instruções, correções, etc. constituem aspectos da trama de relações interpessoais que implicam em um enorme poder de impacto afetivo no aluno, positivo ou negativo, dependendo da forma como essas interações são vivenciadas.” (LEITE, 2012, p.364)

Como também observei no último estágio que fiz de anos Iniciais do ensino fundamental, a dinâmica dentro da sala de aula é definida pela forma que a interação entre professor e aluno se estabelece. Nesse sentido, Magiolino (2001) traz em sua experiência como docente uma reflexão sobre o modo como as suas

emoções contagiaram seus alunos - o que é afirmado por Wallon em termos emocionais. Pensando em termos de uma educação que permeia a expressividade e a imaginação: a literatura assume parte deste papel como também da parte da alfabetização. Para apresentar um livro para a turma, a professora, aponta que era necessário preparar o ambiente para que assim conseguisse realizar a leitura, quando falamos em montar um ambiente propício ao desenvolvimento e oportunidades de adquirir novos conhecimentos, se fala em buscar mecanismos para que o interesse dos alunos seja instigado. Um dos pontos que a autora traz que é importante falar, porém não é muito comentado no âmbito escolar, é o fato de como as docentes são afetadas pelo conteúdo que precisam trabalhar atrelado ao tempo estipulado, as cobranças da gestão e da secretaria da educação e a interação com as crianças. Assim, também precisamos compreender como os docentes são afetados e de qual maneira levam este afeto para o construir educativo com as crianças (Magiolino, 2001).

A emoção pode ser interpretada de diversas formas, como orgânica e física na visão de Wallon, constituída pela cultura e pela linguagem segundo Vigotski, permeadas pela interação social. As contribuições destes autores são retomadas por Magiolino (2001) para problematizar o lidar com as emoções de modo a atribuir um novo significado a estas e de modo a compreendê-las e modificar as condutas dentro da sala de aula como fora dela. A autora sugere que se trabalhe as emoções quando forem demonstradas, pois falar sobre elas é teorizar e na prática, estas podem se mostrar de diversas maneiras e não ser possível lidar com elas quando aparecerem posteriormente ao aprendizado da teoria. Como relacionado anteriormente: a auto-estima com o aprendizado, este também é um ponto importante a desenvolver em conjunto com o desenvolvimento emocional, pois ambos afetam o aprendizado como o avanço de forma integral do sujeito.

As emoções estão presentes e por apresentar este caráter contagioso, é enfatizado em locais coletivos, assim como no ambiente escolar, a criança, ao envolver-se no meio social se adapta à cultura como a toma para si e esse processo é muito importante para o desenvolvimento, e nesse processo - a arte se faz muito pertinente, uma vez que ela é uma forma de expressão artística, pode ser gesto corporal através da dança e do teatro, não necessariamente verbal, por exemplo: fotografia, pinturas e dentre outros. Contudo, a Arte é uma forma de educação

estética, expressiva e sensível pois se baseia na expressão e não é preciso a expressão verbal para sua interpretação.

Nessa esfera, Magiolino (2013; 2015) traz, ainda, como alternativa uma educação expressiva com base na arte, no teatro. Trata-se de uma educação sensível, tomada como estética, que volta o olhar para permitir que o aluno se expresse sem que ele tome alternativa à violência, mas que consiga olhar para suas emoções e compreendê-las como ressignificá-las. A brincadeira e o teatro se fazem fundamentais neste processo, já que, ambas trazem a dinâmica de posições sociais - essa mudança de papéis e do pensar, modifica e organiza as ideias e os afetos dos sujeitos. A leitura, a brincadeira e a arte instiga a fantasia e a imaginação e tomam relevantes posições no processo educativo e no desenvolver emocional e portanto, são recursos importantes à formação, uma vez que eles se fazem mediadores no processo de apropriação da cultura e história humana.

Magiolino (2015) trata da afetividade e da imaginação na atividade de dramatização na escola trazendo apontamentos para uma educação (est)ética. O brincar assume papel central na constituição do sujeito, pois, através da brincadeira do faz-de-conta, da dramatização, as emoções são ressignificadas na e pela situação imaginária. A Educação estética é aquela na qual preocupa-se com uma educação voltada para a expressividade, as vontades e o olhar sensível, uma educação na qual abrange a arte, instiga a fantasia, imaginação e criação, abrange a relevância do brincar e da literatura para o desenvolvimento.

Segundo a teoria vigotskiana sobre o criar na infância, é importante as crianças criarem e não seus feitos em si; pois ao realizarem uma atividade criadora, a imaginação se coloca em funcionamento em profunda relação com a emoção promovendo, assim, o desenvolvimento. As crianças precisam imaginar o lugar, as pessoas, as roupas, o diálogo, para assim contextualizar a fantasia e atribuir sentido aquela encenação. O autor afirma que com todas essas preparações e com essas dinâmicas, é possível abrir espaço para a educação estética, educação na qual entende o ser como um todo sem separar corpo da mente, razão e emoção e dentre outros.

Magiolino (2013) traz para nós alguns pontos a respeito das reações dentro da dinâmica estética, um deles é a motivação de reagir diante de uma situação que, se fosse real, existiria e como é encenação, esta motivação não existe da mesma forma. Isso acontece nas brincadeiras infantis também, tal situação é denominada

como “retenção da reação emocional” pela autora, estes afetos são instigados diretamente pelo que está sendo criado e imaginado. A autora, trabalha segundo a filosofia de Espinosa sobre afetos, afecção e se detém ao que nos afeta e o que afetamos; ela resgata que esse filósofo defende a ideia de que para modificar um afeto é necessário outro, mais forte, para agir sobre este e superá-lo.

Vigotski (2009) defende que a imaginação permite olhar para o futuro, de mudá-lo, de projetar o novo e planejar em pensamento as suas condutas, como um ser livre em sua imaginação e criação. Nessa perspectiva, a brincadeira infantil “faz-de-conta” na dinâmica de papéis e funções sociais e o teatro, quando falamos em desenvolvimento das funções humanas, especificamente, falando em caráter emocional, as contradições, as interpretações, os preceitos que estão presente em nossa sociedade, contudo, são atividades formativas das funções psicológicas. Quando Vigotski denomina a arte como um método de aprendizado de lidar com as questões afetivas, ele toma para si a teoria de Espinosa sobre a afecção.

Diferentemente do proposto pelas maneiras de controlar as emoções no conflito que permeia o âmbito escolar, essas ideias aqui apresentadas nos trazem grande contribuição ao proporem uma maneira sensível de olhar para as crianças e respeitá-las, com relação não só seus pensamentos, mas a seus sentimentos: uma educação que permita que a criança conheça a si, entenda o que está sentindo e desenvolva maneiras de expressar, sendo estas capazes de lidar e (trans)formar suas condutas. O entendimento de que o afeto é tão pertencente à peculiaridade humana tanto quanto à racionalização e capacidade de criação, ajuda a caminhar metade do caminho na educação que buscamos permeada pelo respeito e sensibilidade.

Retomando as ideias tratadas no capítulo anterior a fim de compreendermos o papel das emoções na educação infantil, Vigotski (1998) toma as emoções geradas na arte e no “faz-de-conta” das crianças como uma maneira inteligente de expressar o afeto, uma vez que estes são conscientes a quem os produz e podem ser redimensionado, conhecidos e transformados - o afeto que se utiliza da razão, como defende Espinosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar o presente trabalho, as considerações finais retomam as motivações pelo tema, os capítulos da presente pesquisa de cunho bibliográfico para tecer as conclusões deste trabalho e versa sobre a importância deste tema para minha formação.

As motivações pelo tema retratado no presente trabalho decorrem inicialmente, das experiências pessoais em que pude sentir e compreender o quanto a afetividade, as emoções e os sentimentos são fundamentais no desenvolvimento humano. Afinal, estes permeiam as relações sociais e a forma com que lidamos com tudo a iniciar como enxergamos o mundo. É incrível ver o quanto a educação infantil é pautada nos mínimos detalhes, na sensibilidade de olhar para as crianças, na atenção, no cuidado, na apresentação do mundo para os pequenos: me apaixonei por esse universo e passei por uma experiência sem igual.

Os textos estudados foram fundamentais para a compreensão das teorias de Vigotski e Wallon em termos emocionais. Em especial, se destacam aqueles que trazem as práticas pedagógicas e as dúvidas de docentes em formação sobre como agir em certas situações. Isso me toca e me afeta pois quando passei pelos estágios, eu possuía muitas dúvidas e, muitas vezes, ao demonstrá-las, elas eram criticadas e as críticas eram justificadas pela falta de tempo em explicar e ensinar os estagiários. Ao expressar minhas dúvidas, percebi que isso que era visto como demonstração de vulnerabilidade é comum a todas e todos temos, já que a afetividade faz parte do ser humano. Ao interpretar nossas dúvidas, tomar conhecimento de nossos sentimentos e emoções, reconhecemos a necessidade de questionar sempre, refletir sempre, pois o mundo está em constante mudança assim como as atribuições de significados e os saberes dados como acabados.

A graduação em Pedagogia me trouxe muitas oportunidades de voltar meu olhar para mim para que assim pudesse reconhecer o que preciso para atuar como docente, o que preciso para afetar, de maneira positiva, a vida de muitos outros seres em desenvolvimento. Também me fez ver que tornar-se professora é muito mais que se formar na faculdade, é ter coragem de aprimorar técnicas e saberes e sempre questioná-las na busca constante por melhorias. este é um exercício diário e não algo que torna-se da noite para o dia.

Os conhecimentos abordados na graduação tomaram um sentido mais profundo ao experienciar a prática docente nos estágios realizados. Com relação a esses conhecimentos, trago alguns pontos importantes para refletir sobre a importância de estudar a criança para se entender o adulto e estudar a escola porque ela é parte da sociedade moderna e os problemas que a circundam. Outro ponto de extrema importância para ressaltarmos a incrível função e capacidade do nosso cérebro em aprender e também, o quanto ambos os autores descritos neste trabalho são pertinentes em suas contribuições, inclusive nos dias atuais: Wallon acompanhava as notícias sobre neurologia e acreditava na ideia de plasticidade do cérebro e puxando para a educação, sabemos que o cérebro pode até perder alguma função ao lesionar certa parte mas não que essas funções não possam ser aprendidas novamente, pois nosso sistema nervoso, constrói outras ligações para tentar amenizar a área lesionada, ou seja, uma nova maneira de aprender o que de alguma forma foi “esquecido”.

Retomando - no primeiro capítulo, ambos os autores estudados: Wallon e Vigotski, em suas trajetórias, vivenciam contextos sociais de instabilidade e luta política contra regimes de cunho fascista e autoritário. Nesse cenário, ambos os autores assumem a teoria materialista-histórica e dialética de Marx para a construção de suas teorias, de caráter histórico- cultural ao elaborar sobre o desenvolvimento humano.

Através deste primeiro capítulo foi possível contextualizar cada autor pesquisado, suas respectivas influências e aspectos centrais que estão presentes em suas teorias. Ambos os autores fazem estudos sobre a área psicológica e educacional e deixaram seus contributos, sejam eles inacabados ou não, é um meio caminho até as descobertas das incógnitas que é o desenvolvimento humano.

Para eles, o cognitivo e afetivo não se separam e, a razão pode alterar as emoções. Enquanto Wallon adensa e circunscreve seus estudos na interface da Psicologia com a Neurologia e a Educação, Vigotski o faz também no campo da arte. O autor entende que a arte desfaz as contradições humanas entre razão e emoção e dentre outras pois ambas de fundem no momento em que apresentam vários papéis e traz elementos da realidade, assim como Smolka e Magiolino descrevem ao tratar do drama na constituição do sujeito e da personalidade:

“Condensa as tensões e as contradições da condição humana e, nesse sentido, desfaz dualismos: a dimensão individual é intrinsecamente social; a biológica é cultural; a racional é emocional. Vida e arte se entrecruzam, se confundem.”(SMOLKA e MAGIOLINO, 2010, p. 36).

O primeiro capítulo é introdutório para compreendermos as relações entre razão e emoção dentro do desenvolvimento e percebermos que ambas as dimensões andam juntas e são indissociáveis.

As teorias sobre o desenvolvimento cultural em Vigotski e sobre os estágios de desenvolvimento em Wallon, nos ajudam a compreender melhor o desenvolvimento e traçar uma possível “ordem” e como este processo é permeado pela cultura, pelo contexto histórico em que o sujeito está inserido. É interessante que, até mesmo pela trajetória e pensamentos dos autores, podemos ver as influências do contexto histórico e político em que viveram, em suas teorias.

Portanto, as teorias e ideias que ainda permeiam a atualidade, a ligação entre psicologia e educação existe firme e forte e pela inclusão de psicólogos nas redes escolares, podemos ver que é uma relação que está apenas começando porém com uma mútua contribuição bastante relevante na compreensão do ser humano.

O segundo capítulo abordou as questões emocionais na obra dos autores estudados. No trabalho destes, a razão se confirma como indissociável da emoção conforme concluído pelos estudos dos autores estudados. Atreladas à percepção, imaginação, criação, afetividade e arte e com estes pontos, foi possível perceber, na obra de Vigotski, a trama em que estes estão envolvidos e como modificam as ordens e conexões entre si conforme se desenvolvem.

As emoções como presente na percepção dos bebês, a origem das brincadeiras infantis e a arte como formas inteligentes de demonstrar afeto e instigadas pela fantasia, imaginação e afeto, a relação entre emoção e formação da consciência e da personalidade. Os termos que são confundidos como sinônimos - *afeto*, *emoção* e *sentimento* - são diferenciados nas obras referidas.

Os pontos citados acima compõem uma síntese do que foi abordado nesse capítulo e com esse, após compreender as teorias que explicam as emoções, podemos iniciar a relação que a emoção estabelece com o desenvolvimento humano e então, entender sua importância para a educação infantil.

O terceiro capítulo buscou relacionar o papel da emoção no desenvolvimento e sua relação com educação infantil a fim de compreendermos sua contribuição e importância para a mesma.

Outro ponto importante é a afetividade na relação entre professor e aluno - o que também pode ser fator positivo como negativo para o aprendizado a depender da relação. Este tópico também aborda a disciplina e a postura como uma cobrança das escolas tradicionais e ainda recorrentes dentro das instituições escolares, o que é desafiador e inadequado, uma vez que as crianças são cobradas de suas posturas e disciplina de corpo sendo que ainda não conseguiram tomar independência de suas expressões corporais das emoções. A cultura e o contexto social estão no cerne da consciência, são os recursos que influenciam na constituição do sujeito como um todo. A pedagogia, como vimos, trata do ambiente como um recurso utilizado pela criança para se desenvolver, a arte e a educação estética oportuniza ambientes propícios para a formação do indivíduo em meio coletivo. Assim, as brincadeiras são fundamentais dentro da educação infantil para prover o desenvolvimento como um todo além de proporcionar o desenvolvimento das emoções.

O trabalho com os conflitos e com as emoções na educação estética aparece nos trabalhos contemporâneos como uma interessante alternativa aos processos educacionais coercitivos. Trata-se de uma educação pautada pelo respeito ao desenvolvimento da criança, marcada pela sensibilidade, pela liberdade de expressão em sua relação com a arte. A emoção vivenciada nas situações da realidade se mostra diferente da suscitada na obra de arte - a emoção estética não consegue expressar as reações emocionais como se fossem reais, pois sempre retém uma parte da reação, ela é permeada pela imaginação. A arte é uma maneira de aprender a lidar com as emoções através de imersão, quando ativamos nossa memória em busca de vivenciar e experienciar as emoções vividas, aprendemos a ressignificá-las.

A arte assim como a educação, traz uma consciência crítica da realidade, ambas possuem um caráter político em formar o sujeito e transformar a sociedade, ambas denunciam a realidade, a dominação e ambas também trabalham a emoção., as organizam e as ressignificam; o desenvolvimento emocional é ponto de partida para o aprendizado e para o desenvolvimento das funções psíquicas.

Como vimos nos estudos de Magiolino sobre as emoções, suas modificações e a relação estabelecidas com as outras funções:

“As emoções se (trans)formam ao longo da vida, ao longo da história. Neste movimento entram em relação com outras funções e passam a afetá-las e a serem afetadas por elas, expressam-se de maneira integrada ou mesmo através destas funções. Se nos voltarmos às funções como a memória, a linguagem, a imaginação, o pensamento e a atenção constatamos que estão carregadas de emoções. Nas palavras de Bakhtin as emoções dão o tom, o colorido aos nossos atos. Mas, mais do que isso, orientam-nos e os redimensionam.” (MAGIOLINO, 2010, p. 161)

Contudo, o desenvolvimento emocional se faz importante para a educação infantil, uma vez que este pode potencializar o processo de desenvolvimento, de aprendizados e das atividades mentais. Este tema é importante para minha formação, uma vez que, compreendo as emoções - como elas funcionam em conjunto com as outras funções psíquicas, construo um olhar pautado em uma educação na qual incentiva a expressão, o respeito e a solidariedade e, compreendo o quanto as emoções são pertinentes no desenvolvimento como um todo e ganham destaque na educação infantil porque ainda estão em fase inicial de desenvolvimento e demandam de nós, educadores, um olhar atento e sensível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Cognição, corpo e afeto**. Revista História da Pedagogia, Editora Segmento: São Paulo, 2010.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Conhecimento vivo e fecundo**. Revista História da Pedagogia, Editora Segmento: São Paulo, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. REVISTA HISTÓRIA DA PEDAGOGIA: **A constituição social do desenvolvimento**. Editora Segmento: São Paulo, 2010.

CERISARA, Ana Beatriz. **A psicogenética de Wallon e a educação infantil**. Perspectiva. Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 35-50, 1997.

CRUZ; MARTINS; CRUZ. Silvia Helena Vieira; Cristiane; Rosimeire. **A educação infantil e demandas postas pela pandemia: intersetorialidade, identidade e retorno às atividades presenciais**. Dossiê Especial: Educação infantil em tempos de pandemia, V. 23, 2021.

GALVÃO, Izabel. **Conflitos sim, violência não**. Petrópolis, Vozes, 2004.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon - uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Editora Vozes: Petrópolis - RJ, 1995.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade nas práticas pedagógicas**. Unicamp, Campinas - SP, 2012.

MAGIOLINO, Lavínia L. S. **Afetividade e/na educação: sentir e expressar na experiência (est)ética - contribuições da filosofia espinosana**. Filosofia e Educação, volume 5, n. 1. Universidade Bandeirante Anhanguera: São Paulo, 2013.

MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão. **Afetividade, imaginação e dramatização na escola: apontamentos para uma educação (est)ética**. Summus Editorial: São Paulo, 2015.

MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão. **A significação das emoções no processo de organização dramática do psiquismo e de constituição social do sujeito**. Universidade Bandeirante de São Paulo: São Paulo, 2014.

MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão. **Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: um estudo teórico da obra de Vigotski**. UNICAMP - FACULDADE DE EDUCAÇÃO: Campinas - SP, 2010.

MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão. **Filosofia e Educação em Tempos de Pandemia: Vigotski – Constituição Social do Sujeito e Educação em Meio à Barbárie**. Editora Karywa: São Leopoldo - RS, 2021.

MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão. **Palavras e emoções no cotidiano da sala de aula: surpresas e indagações de uma professora em exercício**. Unicamp - Faculdade de Educação: Campinas - SP, 2001.

NASCIMENTO, Maria Letícia Pedroso. **REVISTA HISTÓRIA DA PEDAGOGIA: Um pensador sem medo da contradição**. Editora Segmento: São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Ivone Martins de. **A constituição social e histórica das emoções: contribuições de Elias e Vigotski**. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador: Ponta Grossa-PR.

OLIVEIRA E REGO, Marta Kohl de e Teresa Cristina. **REVISTA HISTÓRIA DA PEDAGOGIA: Revolucionário inquieto**. Editora Segmento: São Paulo, 2010.

PRESTES E TUNES. Zaia e Elizabeth. **As 7 aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**. E-papers, Rio de Janeiro, 2017.(pp. 17-37, pp. 73 - 92, pp. 93-110.)

SAFATLE, Vladimir. **O Brasil e sua engenharia da diferença**. Site Combate racismo ambiental, 2020.

TORDIN, Rafaela Turchetti. **Afetividade e aprendizagem: um estudo sobre as produções e repercussões**. Unicamp - Faculdade de Educação: Campinas - SP, 2016.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. Livraria Martins Fontes Editora Ltda: São Paulo, 1991.

VIGOTSKI, L. S. **Artigo: A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, 2008.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico; Cap. 2: Imaginação e Realidade. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes**. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch, 1896-1934. **O desenvolvimento psicológico na infância: Conferência 4 As emoções e seu desenvolvimento na infância**. L. S. Vigotski tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1998 (Psicologia e Pedagogia).

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança**. Os Prelúdios do Sentimento de Personalidade Tradução de Pedro da Silva Dantas, São Paulo: DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO, 1971.

WALLON, Henri. **PSICOLOGIA: O papel do outro na consciência do eu**. São Paulo, Editora Ática, 1986.